

Revista aeronáutica

2003

E-mail: revista@caer.org.br

Número 239

*O Sentido da Vida
Terrorismo Pós-Guerra
Liberdade Não tem Preço*

*Carlos Wilson
fala sobre INFRAERO*

30

INFRAERO

1 9 7 3 - 2 0 0 3

Esquadilha da Fumaça e Portugal Motta: uma ligação eterna

Quem conhece o trabalho do Esquadrão de Demonstração Aérea da Força Aérea Brasileira, a nossa querida Esquadilha da Fumaça, sabe que o sucesso e a perfeição de cada manobra conseguida hoje é fruto de um trabalho calcado no amor, na dedicação e no profissionalismo que começou há mais de meio século.

Assim, ao voltarmos para a década de 50, época em que surgia esse que é um dos mais antigos Esquadrões de Demonstração Aérea em atividade no mundo, verificamos a figura destacada de um de seus precursores: o Capitão RR José Fernando Portugal Motta.

O Cap. RR Portugal Motta pertenceu a essa equipe de 1955 a 1957 e de 1960 a 1965. Considerado um excelente oficial de Relações Públicas, requisito essencial para um piloto de demonstração aérea, trabalhou ativamente na divulgação da Força Aérea Brasileira, promovendo um bom relacionamento e a aproximação com a sociedade civil brasileira.

Pilotando a aeronave isolada T-6, arrancava suspiros e aplausos do público, enquanto as outras aeronaves fumaceiras sorratamente ganhavam altura e se preparavam para a próxima seqüência de manobras.

A ligação de Portugal Motta com a Esquadilha da Fumaça não terminou com a sua saída, em 1965, nem mesmo com sua ida para a reserva. Ela continuou ativa até mesmo no momento de sua despedida dos fumaceiros de hoje, herdeiros de todo o seu amor e dedicação por um ideal.

No dia 17 de maio de 2003, data escolhida para as comemorações do 51º aniversário da Esquadilha da Fumaça, Portugal Motta embarcou para seu último vôo a bordo de um avião T-6, o mesmo que no passado protagonizou a alegria e a admiração de milhões de brasileiros. Escoltado por sete Tucanos fumaceiros, o T-6 carregando as cinzas do Cap. RR Portugal Motta, falecido no dia 10 de abril, realizou um vôo rasante sobre o Campo Fontenelle, na Academia da Força Aérea, deixando suas cinzas caírem sobre o palco onde aconteceria a apresentação aérea de número 2.665 da Esquadilha da Fumaça.

Ao eterno fumaceiro Portugal Motta, nossa gratidão pelo exemplo de profissionalismo e dedicação a essa tradicional Instituição da Força Aérea Brasileira chamada Esquadilha da Fumaça. ✈

Ronaldo Venâncio
Cap. Av.





Paulo Lobato
Cel. Av. RR

Segundo o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, VAIDADE tem origem no Latim *Vanitate*, que é “**qualidade do que é vão, ilusório ou pouco duradouro**. Desejo imoderado de atrair admiração ou homenagens. Vanglória. Presunção, fatuidade. Coisa fútil ou insignificante; frivolidade, futilidade, tolice”.

VAIDADE

Por volta das quatro horas da manhã, em meio a uma neblina, desembarcavam na pacata cidade de Barbacena, mais uma leva de jovens que iriam constituir uma nova turma de supostos *Bichos* da EPCAR.

Ao envergarem, pela primeira vez, o garboso uniforme *azul baratéia*, desfilariam perante as *camofas* da cidade, acreditando que seriam os melhores pilotos do mundo, pertencentes à melhor turma que já passara por aquele educandário militar.

Pura Vaidade.

Galgando-se os primeiros anos, seguiriam para o *Ninbo das Águias*, o lendário Campo dos Afonsos, onde aprenderiam as inesquecíveis noções de vôo, no saudoso T-21. Após o *espadim* e o brevê *Cometa*, eles desfilariam dentro de suas fatuidades, pelas ruas da Cidade Maravilhosa, mostrando a todos que seriam verdadeiros *Super-Homens*. **Pura Vaidade.**

Em seguida iriam para Pirassununga para solarem a cobiçada máquina *a jato* T-37C. “Pilotos de Jato”. Primeira turma a voar jato puro, em instrução, no Brasil. Acreditariam ser os melhores pilotos de caça na face da Terra. **Pura Vaidade.**

Ao serem declarados Aspirantes a Oficial Aviador, regrediriam no tempo, voando os famigerados T-6, acreditando, também, por terem voado *jatos*, tudo seria mais fácil. Ledo engano. **Pura Vaidade.**

Dali em diante, cada qual seguiria seu destino, em busca dos respectivos sonhos, galgando degraus na carreira, estreitando novos conhecimentos, especializando-se nas mais diferentes *aviações*, descobrindo a *Força*, seus meandros e particularidades. Continuariam a acreditar que tudo modificariam, implementando novas teorias, novos conceitos, com perfil moderno, informatizado, com controle da qualidade, afinal de contas, era uma turma

coesa, brilhante, era do jato e de novas tecnologias.

Pura Vaidade.

Aos poucos, foram chegando ao final de carreira, uns como coronéis, outros como oficiais gerais. Uns por mera casualidade, outros unguídos, pré-destinados pelos Deuses, autoridades supremas, esquecendo-se, no entanto, que teriam o mesmo final de todos, uma fétida herança de *sete palmos*.

Pura Vaidade.

Outros, já no mundo civil, assistiriam estupefatos os *Destinos-Manifestos* dos comandantes e generalistas, observando os critérios das *Políticas e Estratégias*, aceitando decisões e determinações do novo Comandante Supremo, um humilde *torneiro mecânico* que, cancelando a compra de novas plataformas de emprego, e adiando a aquisição de novas tecnologias, empenharia o seu listel no paradigma da *Fome Zero*, para um país socialista e democrático, recordando o seu passado, reafirmando o seu refrão: “**Quem sabe faz a hora, não espera acontecer...**”. **Pura Vaidade.**

Nessa sístole e diástole do percorrer do caminho, verifica-se, agora, que nada mudara. Da embaçada estação ferroviária de Barbacena aos suntuosos salões dos gabinetes da Esplanada dos Ministérios (Ministérios?), espraçando-se com seus *novos uniformes*, esbanjando otimismo e atraindo homenagens, os mesmos da *Redentora*, consolidam a Força Aérea e seguem a orientação determinada do seu *Líder*. “**Estamos trabalhando com o Governo e pelo Governo**”. **Pura Vaidade?** Bem, no caso específico não se poderia *AFIRMAR* e nem *ARGÜIR*, tão-somente, *QUESTIONAR*. A análise desse questionamento ficaria por conta daqueles que, vivenciando tudo o que se estabeleceu ao longo do caminho, concordarão ou não com a qualidade daquilo que é *vão, ilusório* ou *pouco duradouro*. ✈



Presidente:

Brig.-do-Ar R/R Danilo Paiva Álvares

1º Vice-Presidente:

Brig.-Med.R/R José Américo de Albuquerque Montenegro

2º Vice-Presidente:

Cel. Int. R/R Ricardo José Clemente

DEPARTAMENTOS

Administrativo:

Cel. Int. R/R Haroldo Prado de Azevedo

Patrimonial:

Cel. Av. R/R Fernando Moura Correia

Social:

Ten.-Cel. Int. R/R José Pinto Cabral

Cultural:

Cel. Av. R/R Mário F. Pontes Filho

Finanças:

Ten.-Cel. Int. R/R Irajá Domingues da Silva

Beneficente:

Cel. Int. R/R Haroldo Prado de Azevedo

Secretaria Geral:

Cap. Adm. R/R Ivan Alves Moreira

Assessoria Jurídica:

Dr. Francisco Rodrigues da Fonseca

SUPERINTENDÊNCIAS

Sede Aerodesportiva:

Maj. R/R Josias de Freitas Duarte

Divisão de Ultraleves Motorizados:

Ten. Av. Ref. José Menezes Filho

Sede Social:

Ten.-Cel. Av. R/R Cleber Cirilo dos Santos

Sede Lacustre:

Márcio Ganem Álvares

CHICAER:

Brig.-do-Ar R/R Danilo Paiva Álvares

Endereço:

Pça. Marechal Âncora, 15 - Rio de Janeiro - RJ - CEP 20021-200

Tel.: (21) 2210-3212 Fax: (21) 2220-8444

Expediente do CAER:

Dias: de 3ª a 6ª feira - Horário: 9 às 12h e 13 às 17h

Sede Aerodesportiva: (21) 3325-2681

Sede Lacustre: (24) 2662-1049

Revista do Clube de Aeronáutica

Tel./Fax: (21) 2220-3691

Diretor

Mário F. Pontes Filho

Jornalista Responsável

J. Marcos Montebello

Produção Gráfica

Luiz Ludgerio P. Silva

Márcia Regina I. H. Galhardo

Revisão

Dirce Brízida

Conselho Editorial

Presidente

1º Vice-Presidente

2º Vice-Presidente

Chefe do Departº Cultural

Diretor Revista aeronáutica e Jornal arauto

As opiniões emitidas em entrevistas e em matérias assinadas estarão sujeitas a cortes, no todo ou em parte, a critério do Conselho Editorial, não representando com isto ponto de vista do Clube de Aeronáutica e, sim, dos seus autores. As matérias não serão devolvidas, mesmo que não publicadas.

Pigmento Consultoria, Produção Gráfica e Fitolito
Rua do Rezende, 80 - Centro - RJ
Tels.: (21) 2263 3892, 2221 1485
pigmento@pigmentofotolito.com.br

Índice

04 EDITORIAL



Presidente da INFRAERO
Sr. Carlos Wilson Rocha de Queiroz Campos

A Redação

05 ENTREVISTA

08 PREVIDÊNCIA



A Previdência dos Militares

Jayme Moreira Crespo Filho - Cel. R/1

11 ALERTA



Liberdade não tem Preço!

Luís Mauro Ferreira Gomes - Cel. An. RR

15 REFLEXÃO

O Sentido da Vida

Renata Magalhães

17 CRÔNICA

No tear: palavras em busca de um sentido

Maria Veronica Aguilera

18 ARTE



O Processo de Criação na Pintura

Araken Hipólito da Costa - Cel. An. RR

21 SOLIDARIEDADE

Aviação, Cidadania e Desenvolvimento Social

Rocindes José Correa - Ten.-Cel. An. RR



26 VISÃO DOS FATOS

Como Combater na Guerra Revolucionária

Carlos Ilich Santos Azambuja



31 MUSAL **Interatividade Educativa: uma nova proposta para o MUSAL**
Sabara Burity Fernandez Cyrino - Cap. QFO Mus.



32 CONTEXTO **Os Militares e a NOM**
Maj.-Brig.-do-Ar Ref. Lauro Ney Menezes

34 SAÚDE **Programa de Condicionamento Físico Aeróbico:
pré-requisito para uma vida saudável**
*Francisco da Costa e Silva Júnior – Cel. Av. RR
Walace Monteiro*



39 TESE **Jung, Pichon – Rivière e Paulo Freire: identidade de teorias**
Neyde Lúcia de Freitas Souza – Maj. QFO Psi.



41 PERSONALIDADE **Drummond do Povo**
Maria Célia Barbosa Reis da Silva



42 CENÁRIO INTERNACIONAL **Terrorismo Pós-Guerra**
Manuel Cambeses Júnior - Cel. Av. RR



44 CONJUNTURA **Bin Laden – Após o Iraque**
Pasqual Antonio Mendonça - Cel. Av. RR

45 SÁTIRA **Falta Pau-Brasil no Mercado**
Clarindo dos Santos



46 INTERNET **Brasileiros são mais Ricos do que os Norte-americanos**
Internet - Adaptação

48 CURIOSIDADE **Os Presidentes Pioneiros na Aviação**
Alfredo Muradas Dapena - Cel. Av. RR

EDITORIAL

EDITORIAL

EDITORIAL

Caros amigos,

Ser o Presidente do Clube é uma tarefa gratificante e ao mesmo tempo desgastante. Gratificante, quando tudo vai bem, dá certo, o cardápio do restaurante agrada, enfim, quando recebo elogios pelas ações da Diretoria. Desgastante, quando alguma coisa incomoda ao sócio; umas pueris, outras nem tanto, porém constituem-se sempre em uma ação a ser tomada, um detalhe a ser observado, um ato a ser praticado, além da rotina normal de preservar e conservar o Clube de Aeronáutica para as gerações futuras.

Sabemos ser impossível agradar a todos os sócios, porém a meta é agradar, pelo menos, a grande maioria dos que o freqüentam.

Em que pese a situação atual de nosso Clube, já do conhecimento de todos, acredito, firmemente, que vamos ultrapassar os problemas advindos do Empreendimento de Jacarepaguá. Esta convicção, esta chama que me anima, esta vontade férrea que me impulsiona pode parecer aos menos avisados que, mantendo o Clube vivo com novos eventos e atividades, como a Coca Cola Vibezone, com novos espaços e atrações culturais e desportivas e, finalmente, com a admissão de nova categoria de sócios, estes sejam atos temerários, arriscados e inconseqüentes. Porém, meus amigos, o Presidente do Clube, pelo exercício dos conhecimentos de Chefia e Liderança, próprios da cultura militar, por obrigação funcional, responsabilidade pessoal e perante o quadro social, tem que ser o último a desacreditar na esperança de dias melhores para a nossa instituição. Os momentos difíceis não comportam o medo, a omissão, a incompetência nem a covardia da Direção.

Há que se ter coragem, demonstrá-la e não esmorecer! É preciso que, principalmente, o Presidente do Clube dissemine confiança! Muitos descrentes já entregaram moralmente os pontos, o seu Presidente jamais o fará, mesmo nas maiores dificuldades.

*Aguardem, caros amigos otimistas e derrotistas, esperançosos e desiludidos, confiantes e incrédulos, pois num período relativamente curto começaremos, com fatos concretos, a demonstrar que estamos resolvendo, definitivamente, os problemas jurídicos que vêm afligindo o Clube nos últimos dez anos. A conseqüência natural para todos da Aeronáutica, sócios e não sócios, da reserva e da ativa, será o resgate do orgulho de ser sócio do nosso Clube. Quando isso acontecer, teremos alguns momentos extremamente gratificantes não só para o Presidente, mas, também, para todos aqueles que amam o **Clube de Aeronáutica.***

Brig.-do-Ar Danilo Paiva Álvares
Presidente



INFRAERO - 30 ANOS

Presidente: Sr. Carlos Wilson

Treze de janeiro deste ano: assume a Presidência da INFRAERO, aos 52 anos, o pernambucano Carlos Wilson Campos.

Trazendo como formação acadêmica o Direito e a Economia; como conhecimento administrativo, suas experiências marcantes no Executivo Estadual e Federal; e como cultura política, suas significativas atuações no Legislativo Federal, pode-se inferir que a consciência da responsabilidade é parte integrante de sua personalidade e que o sucesso não será um mero acaso.

A *Revista aeronáutica* sente-se honrada em poder levar aos nossos sócios as palavras do atual Presidente da empresa, que nasceu com eles e que ora completa 30 anos.



RA – Aeroportos, pessoas chegando e indo, outras levando e buscando, outras simplesmente visitando: uma grande vitrine deste país. Quatro meses de INFRAERO, como o senhor se sente nessa vitrine?

CW – Muito honrado pela distinção que me deu o Presidente Lula ao designar-me Presidente da INFRAERO.

A INFRAERO é uma empresa muito madura, organizada, enxuta na sua estrutura organizacional, e eficiente no desempenho de suas atribuições estatutárias e na administração de seus recursos financeiros.

Desde que assumi a Presidência da INFRAERO tenho procurado aprofundar o conhecimento sobre o seu enorme domínio de atuação territorial. Tenho me desdobrado visitando os mais diferentes sítios aeroportuários, aproveitando a oportunidade do contato pessoal com todos os nossos empregados, desde os nossos superintendentes regionais até o mais humilde servidor, aumentando o conhecimento e a admiração pela empresa e pelo valor de seus homens.

Comandar esse maravilhoso acervo, de um lado muito me envaidece, por outro lado me faz ter a consciência constantemente voltada para a responsabilidade de ter que manter a nossa infra-estrutura permanentemente em muito bom funcionamento, por ela passando dezenas de milhões de passageiros, brasileiros e estrangeiros, a passeio ou a negócios, mas, invariavelmente, com algum compromisso de prazo.

Em torno do aeroporto aglutinam-se os serviços de vários parceiros nossos, de modo que o produto global depende de um funcionamento semelhante a uma

engrenagem de relógio, sendo que, via de regra,

“...percebo o acerto da iniciativa do compartilhamento dos aeródromos militares e civis.”

a qualquer deficiência é associado o nome do dono da casa: a INFRAERO.

Essa é a nossa delicada vitrine. Sobre esse particular, estou dando a melhor atenção à importância do trabalho de equipe com nossos parceiros e aproveito a oportunidade para ressaltar o apoio e a compreensão que tenho deles recebido.

Temo-nos engajado com nossos parceiros, de quem temos recebido uma especial atenção, para em conjunto “azeitarmos” o fluxo de passageiros no interior dos nossos aeroportos, reduzindo-lhes o tempo de espera e dando-lhes mais conforto.

RA – Uma idéia da política da INFRAERO com relação aos aeroportos compartilhados.

CW – Ao abordar a questão dos aeroportos compartilhados, rendo de partida a minha homenagem a todos aqueles que participaram da decisão a respeito.

Estudando a História do desenvolvimento da Aviação no Brasil, levando em conta a grandiosidade do território nacional, percebo o acerto da iniciativa do compartilhamento dos aeródromos militares e civis.

Na década de 30, havia os campos de aviação com os seus humildes guarda-campos. Hoje, 60 a 70 anos passados, nós dispomos de aeroportos que podemos, sem ufanismo, considerar magníficos, mesmo sem dispormos de uma economia nacional forte.

De norte a sul e de leste a oeste, o território nacional conta com aeroportos de muito boa qualidade, boas pistas de pouso e de táxi, estações terminais de passageiros modernas, modernos equipamentos de apoio à navegação aérea e às operações de pouso e decolagem.

Entre esses extremos de tempo, foi fundamental a

“...deixei claramente estabelecida a minha primeira prioridade: a segurança nos nossos aeroportos.”

doação da parte militar, abrindo espaço em suas bases aéreas para abrigar as salas de embarque que foram, passo a passo, se transformando até chegar ao nível atual dos nossos terminais de passageiros.

Na minha visão, os sítios aeroportuários dos aeroportos compartilhados são suficientemente grandes para comportar, ainda, por muitos anos, o crescimento da Aviação Militar e Civil, de modo que possamos continuar dividindo com a Força Aérea Brasileira a mesma infraestrutura.

Tenho procurado externar o meu grande reconhecimento pelo valor da FAB e da importância dessa parceria.

Quanto ao excelente relacionamento entre as nossas instituições, tenho muito a agradecer ao seu Comandante, na pessoa do Ten.-Brig. Bueno, bem como ao Comandante do DECEA, Ten.-Brig. Lencastre, ao Chefe do Estado-Maior da Aeronáutica, Ten.-Brig. Astor, e ao Diretor do DAC, Maj.-Brig. Washington.

Em contrapartida, as aeronaves da FAB utilizam pistas de pouso e de táxi muito bem pavimentadas, mantidas pela INFRAERO, garantindo-lhes macias aterrissagens.

O zoneamento militar/civil dos sítios aeroportuários tem sido definido entre a FAB e a INFRAERO sempre com a compreensão recíproca, no sentido de evitar decisões que venham impedir o futuro crescimento de cada setor – militar e civil.

RA – Alguns comentários sobre a expansão da infraestrutura aeroportuária no Aeroporto de Guarulhos.

CW – O Aeroporto Internacional de São Paulo (AISP) compartilha o sítio com a Base Aérea de São Paulo.

Desde a gestão do então Ministro da Aeronáutica, Ten.-Brig. Délio Jardim de Mattos, a contribuição da Aeronáutica para com esse aeroporto tem sido muito grande.

É, hoje, o nosso maior e principal aeroporto. Apesar de todas as dificuldades apresentadas pela conjuntura mundial e nacional, consideramos urgente a construção da terceira pista e do terceiro terminal de passageiros.

A saturação do Aeroporto de Congonhas implica em providências imediatas a serem imple-

mentadas no Aeroporto de Guarulhos, de modo que o excesso de demanda verificado naquele aeroporto possa ser absorvido por este último.

A capacidade atual do AISP (Guarulhos) é em torno

de 17.000.000 de passageiros por ano. Em 2001, pelo AISP passaram 13.100.000, em 2002 foram 11.900.000 passageiros.

A margem de folga na capacidade disponível no Aeroporto de Guarulhos, considerado o movimento de passageiros verificado no ano de 2002, é de pouco mais de 5.000.000 de passageiros.

Com a construção da nova pista e do terceiro TPS, o AISP (Guarulhos) passará a ter capacidade para atender a aproximadamente 40.000.000 passageiros por ano. As obras do novo terminal estão estimadas em R\$ 600.000.000,00, com início provável previsto para o final deste ano ou início de 2004, dependendo ainda, dentre outras análises técnicas, de aprovação de estudos ambientais. A conclusão dar-se-á num prazo de 48 meses após o início da obra.

Em relação à terceira pista, estimamos dar início às obras em 2005, com término previsto para 2006. Nela deverão ser investidos em torno de R\$ 90.000.000,00.

RA – Alguns comentários sobre a política de segurança dos aeroportos, principalmente nos Internacionais.

CW – Na primeira mensagem que dirigi a todos os empregados da INFRAERO, deixei claramente estabelecida a minha primeira prioridade: a segurança nos nossos aeroportos.

A nossa responsabilidade, nesse campo, é muito grande, e o assunto é muito complexo.

No campo da conjuntura internacional, pelo fato de a Constituição do Brasil impor à Nação uma postura não intervencionista e de respeito à autodeterminação dos povos, a nossa geopolítica deixa o país menos exposto à ação de atos de terrorismo presentes na atualidade mundial, de modo que temos levado em conta esse tipo de ameaça sem, entretanto, permitir que este tema nos imponha atitudes paranóicas.

Entretanto, no que diz respeito à prática de atos ilícitos, notadamente aqueles relacionados com o tráfico de drogas, contrabando e furtos no interior dos sítios aeroportuários, temos concentrado nossos esforços, objetivando aumentar a eficiência, tanto na melhor capacitação dos nossos empregados, quanto na adoção de equipamentos mais modernos e capazes de propiciar melhores meios de vigilância e detecção, investindo recursos financeiros na concepção e implantação de sistemas de ampla cobertura, sofisticados e inteligentes.

Cabe ressaltar o importante papel desempenhado por

“Tenho procurado externar o meu grande reconhecimento pelo valor da FAB e da importância dessa parceria.”



nostros parceiros no campo da segurança, como o da Polícia Federal, da Receita Federal, da Aeronáutica e dos órgãos de segurança pública, nos diferentes Estados.

RA – Todos, no Governo, de um modo geral, reclamam da política dos cofres vazios. É essa, também, a situação da INFRAERO?

CW – Não. A INFRAERO tem buscado, ao longo dos últimos anos, atuar de forma proativa na geração de resultados operacionais cada vez melhores. Aliado a isso tem conduzido uma política bem sucedida de administração de seu fluxo de caixa, que tem permitido a geração de novos recursos para fazer frente ao seu programa de investimentos. Entretanto é importante ressaltar que as dificuldades por que passa o mercado de Aviação Civil brasileiro sinalizam para uma atitude de precaução e de ações, já em implantação, de priorização de custos e de investimentos, de modo a maximizar os recursos atuais.

RA – Com o projeto governamental Fome Zero, em que a INFRAERO poderia ajudar?

CW – A Empresa pretende manter, nos próximos quatro anos, em apoio ao *Programa Fome Zero* do Governo Federal – o qual, sem dúvida, é o maior movimento em prol da erradicação da fome em nosso país – o seu *Programa Social Aeroportos Solidários*, presentemente contemplando 34 Projetos em desenvolvimento por todo o país, beneficiando, por ano, 5.643 pessoas, entre crianças, adolescentes e adultos residentes nas comunidades do entorno dos aeroportos.

Ressalto que o *Programa Aeroportos Solidários* é uma das diretrizes do Planejamento Estratégico da Empresa, e tem como meta empresarial implantar um Projeto Social em cada um dos 65 aeroportos da rede, até o final de 2004. Em 2003 e 2004 está prevista a implantação de 32 novos Projetos, além da ampliação e do fortalecimento dos 33 já existentes, na medida em que as necessidades sociais se apresentem.

Além dos projetos delineados no âmbito do seu *Programa Social Aeroportos Solidários*, cujo escopo está em sintonia com as políticas estruturais do *Fome Zero*, a INFRAERO vem mantendo entendimentos diretamente com o Ministério Extraordinário de Segurança Alimentar e Combate à Fome, na pessoa do Ministro José Graziano da Silva, como forma de definir os meios mais adequados de participação nas políticas

específicas e locais, tendo presente a atuação

da INFRAERO em todo o território nacional.

Em termos amplos, esta participação se refere à disponibilização de toda a infra-estrutura dos aeroportos para a consecução dos objetivos do Fome Zero e, neste sentido, foram priorizadas determinadas linhas de ação – a exemplo da participação da INFRAERO na erradicação do analfabetismo, em parceria com o Ministério da Educação, e em outras iniciativas em estudo, como doação, ao *Programa*, do valor devido à INFRAERO, relativo ao resultado dos leilões das mercadorias e bens, em processo de “*perdimento*”, realizados pela Receita Federal nos Terminais de Carga dos Aeroportos.

Além do mais, a INFRAERO, na comemoração dos seus 30 anos, promoveu um evento cultural, no qual arrecadou uma quantia considerável para o *Programa Fome Zero*, como também instalou, em três grandes aeroportos, totens que possibilitam aos usuários e passageiros doarem, via eletrônica, cestas básicas para o *Programa*.

A dívida social existente em nosso país exige um esforço de mobilização e de participação coletiva, e reafirmo a disposição da INFRAERO em estar sempre atenta para identificar novas formas de atuação no âmbito do Programa.

RA – Uma mensagem aos nossos sócios, dos quais a maioria viu nascer essa Empresa, alguns participaram dela, e todos torcem por ela.

CW – Aos sócios do Clube da Aeronáutica, gostaria de manifestar o meu maior reconhecimento pela importante contribuição que a Aeronáutica tem dado para o desenvolvimento e integração nacionais.

Os seus grandes projetos, implantados com perseverança e grande visão desenvolvimentista, constituem fatos relevantes e de amplo conhecimento do povo brasileiro. Entre eles podemos citar o Instituto Tecnológico de Aeronáutica, os Centros Integrados de Defesa Aérea e Controle do Tráfego Aéreo, com completa cobertura radar sobre o imenso território nacional, a EMBRAER, hoje privatizada, e a nossa empresa, a INFRAERO, cuja distribuição geográfica conforma o mapa do Brasil.

Deste modo, gostaria de me congratular com todos os integrantes dessa tradicional Instituição, que congrega a oficialidade da Aeronáutica, fazendo votos a Deus que eu possa, à frente da INFRAERO, continuar conduzindo essa importante empresa pública no cumprimento da sua missão estatutária, gerando e garantindo milhares de empregos, distribuindo riqueza em todo o território nacional, mantendo em grande eficiência a nossa malha aeroportuária, contribuindo para o engrandecimento da nação brasileira.



“Ressalto que o Programa Aeroportos Solidários é uma das diretrizes do Planejamento Estratégico da Empresa...”



“...um vantajoso mercado para as instituições financeiras que operam com previdência privada.”

PREVIDÊNCIA

Muito se tem ouvido sobre um assustador déficit da Previdência pública no Brasil. Os números apresentados são conflitantes, o que demonstra claramente não haver um levantamento preciso sobre os valores envolvidos. Uma hora falam em R\$ 70 bilhões, depois em R\$ 53, mais tarde em R\$ 94, e ninguém procura investigar onde realmente está a verdade. No bojo das inúmeras e infundadas declarações a respeito, está sempre presente o chamado *privilégio dos militares* como o principal responsável por essa situação, mas cujo objetivo principal é nos indispor com a nação brasileira. Jornalistas desinformados ou mal intencionados, sem uma análise mais técnica do assunto, vêm nos colocando como um dos principais responsáveis por essa situação, sem procurar levantar, de forma séria e técnica, a veracidade desse déficit e os principais responsáveis por ele. O ministro da Fazenda chegou a afirmar, recentemente, que, para receber aposentadorias iguais aos salários na atividade, os servidores públicos teriam que contribuir para a Previdência com 60% do seu salário. Essa assertiva do ilustre médico demonstra uma preocupante ignorância sobre o assunto, como veremos neste trabalho. O ministro da Previdência, por sua vez, afirmou que os funcionários públicos só passaram a descontar para o Estado a partir de 1993. Tenho parentes que comprovam, por meio de contracheques, que descontam desde a década de 1940.

Não pretendo abordar aspectos essenciais desse *privilégio* dos militares, por já terem sido exaustivamente explorados por brilhantes companheiros. Desejo ater-me exclusivamente ao lado financeiro do problema, com base em

rudimentares conhecimentos de Matemática Financeira, para provar que as aposentadorias integrais pagas aos servidores públicos, aos militares e aos membros do Poder Judiciário não são as maiores responsáveis por esse propalado déficit.

Para efetuar esses cálculos, realizados com o auxílio da planilha eletrônica Excel, imaginemos a criação de um Fundo de Previdência e a contribuição dos militares para o mesmo, segundo os seguintes parâmetros:



“Desejo ater-me exclusivamente ao lado financeiro do problema, com base em rudimentares conhecimentos de Matemática Financeira...”



DOS MILITARES

Jayme Moreira Crespo Filho
Cel. R/1

a) Salário médio: R\$ 3.200,00; b) Tempo mínimo de contribuição para o Fundo: 30 anos; c) Número de contribuições efetuadas: $30 \times 13 = 390$; d) Contribuição do militar: 7,5%; e) Valor inicial da aposentadoria: R\$ 5.000,00; f) Taxa de remuneração dos recursos capitalizados mensalmente no Fundo, até a passagem para a reserva: 0,95% ao mês; g) Taxa de remuneração dos recursos capitalizados, após a passagem para a reserva: 0,5% ao mês; h) Inflação média considerada no período após a passagem para a reserva: 5% ao ano; i) Intervalo de tempo entre os reajustes nos valores dos proventos e pensões: dois anos.

Incluindo esses dados no programa, foi possível calcular o Valor Futuro de duas anuidades diferentes: uma considerando exclusivamente a contribuição do militar; e outra considerando a participação do Governo na mesma proporção que o militar, isto é, 7,5% sobre o salário médio, como fazem todos os empregadores no Brasil (o Estado é o maior deles). Obtivemos então os seguintes valores:

a) *Per Capita* acumulado, apenas com a contribuição do militar, e após 30 anos: R\$1.286.097,95;

b) Capital acumulado, contando com a contribuição do militar e do Estado em partes iguais, e após 30 anos: R\$ 2.572.195,96.

A partir daí, passamos a realizar retiradas mensais de R\$ 5.000,00 sobre esses capitais acumulados, como se fosse o pagamento de um provento ou de uma pensão, aplicando, em seguida, o cálculo dos juros de 0,5% a. m. Além disso, aplicamos a cada dois anos uma correção no valor das mesmas, com base numa inflação

média de 5% ao ano. Isto nos permitiu chegar aos seguintes dados:

a) se a contribuição exclusiva do militar para a Pensão Militar fosse aplicada num Fundo de Previdência, o valor capitalizado, após 30 anos e aplicado à taxa de 0,95% ao mês, possibilitaria o pagamento, durante 17 anos e 8 meses, de proventos ou pensões reajustados de acordo com a inflação média de 5% ao ano;

b) se o Estado e o militar contribuíssem com partes iguais para o mesmo Fundo, a capitalização individual permitiria pagar os mesmos proventos e pensões por 39 anos e 11 meses.

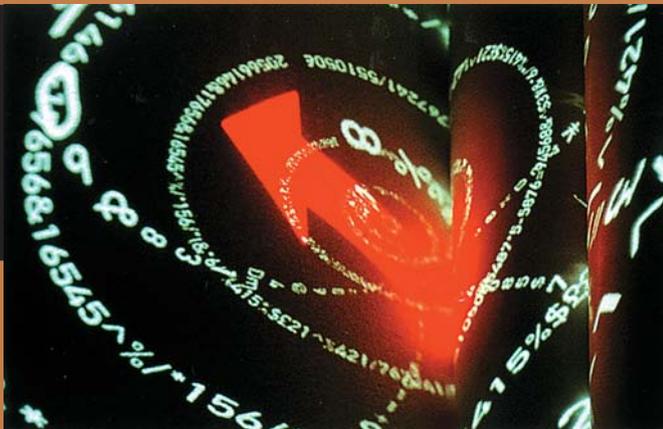
É importante ressaltar que, em ambos os casos, está previsto o pagamento do 13º provento todos os anos.

Os dados acima mostram clara e irrefutavelmente que, na atual conjuntura do sistema previdenciário:

a) o déficit provocado pelos proventos e pelas pensões militares é mínimo, pois, de um modo geral, o Estado somente está desembolsando recursos a partir de 17 anos e 8 meses após os 30 anos de contribuição. Se considerarmos que a carreira do militar começa no mínimo aos 18 anos, ele contribuiria até os 48 anos de idade e, a partir daí até os 66 poderia viver exclusivamente às custas do Fundo de Previdência;

b) se o Estado contribuísse, como é de sua obrigação como empregador, para esse Fundo, o limite de 66 anos seria estendido, passem, para 88 anos, idade atingida apenas por um pequeno percentual de militares e pensionistas;

c) se o militar ou a pensionista morrem antes de serem atingidos esses limites, o Estado fica com o saldo acumulado.



“Neste grave momento, é importante estarmos mobilizados na defesa dos nossos justos direitos...”

Reparem que, para não tornar este trabalho muito extenso, eu não considere o fato de os militares da reserva continuarem contribuindo para a Pensão Militar, o que estenderia de muito os limites de idade citados acima. Essa contribuição dos inativos militares é mais um dos nossos *privilégios*.

Nos cálculos acima, tomamos por referência um militar passando para a reserva com 30 anos de serviço, ou melhor, de contribuições para a Pensão Militar. Não sei que percentual permanece na ativa após esse prazo. A realidade é que esses militares pesam ainda menos ao Estado.

Alguns estados e municípios brasileiros constituíram fundos de previdência participando com contribuições bem maiores por parte do Governo, do que dos funcionários. O exemplo mais marcante é o do município do Rio de Janeiro, que tem um Fundo altamente rentável e em excelente situação financeira.

Não devemos ter ilusões quanto às pressões a que seremos submetidos para a nossa inclusão num injusto sistema comum de Previdência para todos os trabalhadores brasileiros. As duas maiores centrais sindicais prometem fazer pressão junto ao Congresso para que sejamos atingidos por esse plano. Penso que toda esta celeuma tem, como objetivo maior, abrir um vantajoso mercado para as instituições financeiras que operam com previdência privada. Insere-se também na última e decidida cartada revanchista de grupos ainda não satisfeitos com o que já foi perpetrado contra as FFAA e contra os militares. No que tange aos fundos de previdência privada, é preciso lembrar os inúmeros escândalos

envolvendo instituições financeiras que deixaram milhares de brasileiros amargando perdas enormes. Imagine-se alguém contribuindo para uma delas por mais de 30 anos, na esperança de receber um complemento de aposentadoria e, de repente, verificar que tudo se evaporou. Já vivi uma experiência semelhante a esta. Quando segundo-tenente, comecei a contribuir para uma dessas associações de pecúlio e pensão para militares que prometia, ao final dos 25 anos de participação, pagar uma boa pensão durante alguns anos. Quando atingi o prazo estipulado, decidi requerer essa pensão e, para minha surpresa, verifiquei que a quantia que iria receber era irrisória. Além disso, corremos o risco das falências e falcaturas tão comuns no nosso Brasil, pois as nossas autoridades e, em particular o Banco Central, não fiscalizam adequadamente.

Neste grave momento, é importante estarmos mobilizados na defesa dos nossos justos direitos, que, de forma alguma, se constituem em privilégios. Não podemos ficar parados, como ficamos por ocasião da elaboração e aprovação da última LRM, que nos prejudicou em vários artigos. É preciso também, por meio de publicações pagas em jornais, revistas e emissoras de rádio e TV (ninguém vai abrir espaço graciosamente para nós), dar ciência ao povo brasileiro da realidade dos fatos que os dados apresentados neste trabalho podem ajudar a esclarecer.

Não podemos ficar parados esperando ser vítimas de mais uma vingança de ex-guerrilheiros, assaltantes de bancos e seqüestradores, prontos a desfechar o golpe de misericórdia nas FFAA e nos militares. Temos que aprender a atuar de forma inteligente junto aos chefes militares, à imprensa, aos congressistas e a setores importantes da sociedade brasileira.





Liberdade NÃO tem Preço

Luís Mauro Ferreira Gomes
Cel. Av. RR

“...é bom lembrar que há valores inegociáveis sem os quais não vale a pena viver.”

Lemos, recentemente, um interessante artigo da escritora Meredith F. Small, Professora de Antropologia na Universidade de Cornell, publicado no *New Scientist*, intitulado *Duração Excessiva da Infância Intriga Pesquisadores*. Nele, a autora chama a atenção para os seguintes fatos: “Os chimpanzés estão preparados para se reproduzir aos oito anos. Os gorilas são adultos aos seis. Mas a infância humana dura duas vezes mais do que duraria no caso de um símio de nosso tamanho e com o nosso ritmo de crescimento”.

Logo após a leitura, percebemos que houve um possível motivo para essa infância prolongada que nem a Professora Meridith abordou nem o fez nenhum pesquisador que ela tenha citado. Trata-se de que os seres humanos têm uma capacidade muito grande de intervir nos processos da Natureza, havendo, portanto, a necessidade de um período de tempo grande para que possam amadurecer intelectualmente, antes que atinjam a maturidade física que lhes permita o uso de todo o seu poder de interferência. Com isso, talvez, fosse evitado maior risco para a Humanidade e para a vida na Terra, de um modo geral. Infelizmente, parece que as defesas naturais não foram suficientes para impedir que um hominídeo mentalmente na Idade da Pedra, ainda não amadurecido aos 56 anos, se utilizasse da melhor tecnologia do século XXI para ameaçar 2000 anos de civilização cristã ocidental e, talvez, a própria prevalência do Homem no Planeta.

É verdade que muito tem sido dito sobre a invasão do Iraque, e que a esmagadora maioria das manifestações, em todos os rincões do mundo, tem condenado essa barbárie covarde e irracional. Mas aqui, também, alguns aspectos relevantes não têm sido abordados pelos formadores de opinião e pelos analistas políticos e militares da agressão. Uns poucos são extremamente simples e tão óbvios que custa crer que não tenham sido, até agora, completamente dissecados. Desconhecemos as razões dessas omissões, mas é, indiscutivelmente, imprescindível que as mais importantes sejam trazidas à luz.

Vamos, de início, acabar com essa bobagem de chamar de terrorismo ao emprego dos únicos meios disponíveis para uso militar pelas nações menos desenvolvidas. Ouvimos, há pouco, com grande preocupação, um repórter chamar de *ataque terrorista* à ação de supostos ira-



quianos que teriam lançado granadas contra uma barraca em que dormiam soldados americanos invasores de seu país (*depois de escrito o artigo, foi noticiado que o atentado terrorista não seria obra de iraquianos, mas de um soldado das próprias forças de ocupação americanas insatisfeito, o que não alterou a validade da citação, já que o importante para a argumentação é o que o repórter disse, e não a veracidade da afirmação*). Como terrorismo? Devemos ter muito claro que é absolutamente legítimo qualquer tipo de ação contra uma invasão militar, no interior do próprio território. E, quando o agressor está em guerra de conquista e tomou a iniciativa das ações, passa a ser

“Não existe terrorismo contra invasor.”

um dever o uso dos meios mais devastadores disponíveis, sejam quais forem. Da mesma forma que não foi imposta nenhuma restrição aos desproporcionais meios americanos, aceitemos que o Iraque se defenda como puder e com tudo o que tiver. Não existe terrorismo contra invasor. Essa palavra, tantas vezes generalizada e, outras tantas, restringida no seu significado, segundo a conveniência de quem a emprega, somente se aplica a ações contra populações civis inocentes. No mais é negar aos mais fracos o direito de auto-defesa que as grandes potências tanto prezam.

Mas, voltando ao terrorismo, não seria o *pavor*, no nome dado à operação *Choque e Pavor*, eufemismo cínico e mal disfarçado para *terror*? E as armas usadas pelos Estados Unidos, pelo seu poder de fogo, e, sobretudo, pelo desmedido número das bombas e dos mísseis que estão sendo empregados, não poderiam ser consideradas *armas de destruição em massa*?

Em momento de grande inspiração, Werner von Braun comparou, certa vez, a Terra a uma nave perdida no espaço, cujos astronautas enfurcados jogavam fora todos os seus suprimentos. Ninguém desempenha melhor o papel de astronauta furioso do que os Estados Unidos. Esse país, faz tempo, vem destruindo, com intensidade crescente que, hoje, atinge proporções devastadoras, os recursos naturais do nosso Planeta,

indispensáveis à sobrevivência das gerações futuras de todas as demais nações.

Como esses recursos estão a esgotar-se rapidamente, parece claro, depois dessa desproporcional demonstração de força, materializada com o massacre no Iraque, que os Estados Unidos pretendem tomar tudo aquilo de que necessitem, como, aliás, já vêm fazendo desde as suas origens. Essa voracidade por petróleo não é nova. Todos ainda se lembram do ditado atribuído ao Presidente mexicano Lázaro Cárdenas (1934-1940): “Pobre México! Tão longe de Deus e tão perto dos Estados Unidos”. Os tempos fizeram o mundo ameaçadoramente pequeno e, assim, nos colocaram, a todos, perigosamente próximos daquele país. A melhor imagem que encontramos para caracterizar os Estados Unidos é a de um câncer que consome toda a energia vital do Planeta para o seu próprio crescimento, em detrimento de toda a Humanidade.

Está na hora de dar um basta! A experiência histórica mostra que a excessiva prudência não é a melhor forma de lidar com as ditaduras imperiais, que só se limitam com oposição por forças que lhes causem ou possam causar danos, sejam políticos, econômicos ou militares. No caso em questão, os Estados Unidos aceitaram o enorme desgaste po-





“...nunca pensamos que fôssemos ter saudade do equilíbrio proporcionado pela União Soviética.”

É um erro imaginar que ceder às pressões e aderir às posições da potência hegemônica vá trazer qualquer vantagem. Passado o conflito, aqueles que o tenham feito serão tratados com o desprezo que os fracos e os covardes merecem dos poderosos. Foi assim no Império Romano, foi assim na Alemanha, quando foram tolerantes com Hitler, que adotara postura semelhante à dos Estados Unidos de hoje, e será assim na aventura em que se envolveram os ditos *aliados*. Com exceção da Inglaterra e, talvez, da Austrália, todos os outros que participaram da *formação de quadrilha* serão descartados quando deixarem de ser necessários. O Brasil foi aliado na Segunda Guerra Mundial e não conseguiu ficar, sequer, com as migalhas que sobram da ajuda aos derrotados.

O problema é realmente muito difícil. Deram muita liberdade de ação aos Estados Unidos, e agora está quase impossível contê-lo. De qualquer modo, quanto mais o mundo demorar a perceber que é inevitável o confronto, piores serão as consequências. Em verdade, nós nunca pensamos que fôssemos ter saudade do equilíbrio proporcionado pela União Soviética. Mas não adianta

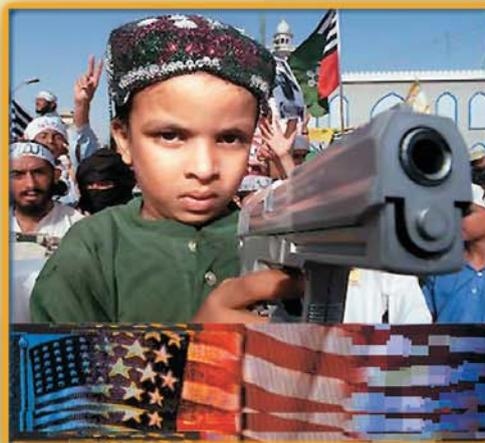
lítico decorrente da ilegitimidade das suas ações, e é evidente que pressões políticas não mais produzirão quaisquer efeitos. Com a União Européia dividida, tornam-se virtualmente impraticáveis as sanções econômicas. Restam as militares.

quanto eles precisam da bipolaridade, tanto quanto nós (o resto do mundo).

Sem nada que os limite, eles prosseguirão, de desatino em desatino, a aumentar a área de influência imperial, até que, por fim, desmoronem, ou por perda de controle, ou por incapacidade de arcar com os custos do aparelho militar, hipertrofiado pela necessidade de impor a força, simultaneamente, em todos os cantos do Globo, como aconteceu em todos os outros precedentes históricos. Já vemos sinais disso.

Mas não é aceitável esperar todo esse tempo para recuperar a liberdade *por gravidade*. Alguma outra solução deve ser pensada. E, talvez já se esteja esboçando uma alternativa. Recentemente, foi noticiado que Alemanha, França e Bélgica poderiam assinar um

acordo de defesa mútua. Isso poderia ser o embrião do outro pólo, que se concretizaria com a adesão de todos aqueles que se opusessem ao projeto de poder hegemônico dos Estados Unidos.



É mais do que evidente que a superpotência tudo fará para impedir essa e qualquer outra ação contra suas pretensões. Mas, ironicamente, o maníaco Presidente Bush talvez tenha trazido a solução com a sua *Doutrina de Guerra Preventiva*. Como já vimos, mais cedo ou mais tarde, os Estados Unidos poderão atacar qualquer país que a eles se oponha ou que possua algum recurso de que necessitem. Assim, seria absolutamente *legítimo* àqueles países, que disponham de armamento nuclear, realizar um *ataque preventivo* contra o referido *possível futuro agressor*.

Se um grande número de nações aderisse ao acordo de defesa, entre as quais França, Rússia e China, os signatários do acordo reuniriam uma grande quantidade de ogivas nucleares e, também, disporiam dos mísseis para empregá-las. Esse poder de fogo, capaz de devastar os Es-



tados Unidos, enquanto eles não possuírem o *Escudo Anti-mísseis*, talvez fosse suficiente para dissuadi-los de algumas de suas pretensões, impondo-lhes os limites para que se comportem como uma nação civilizada. Entre os fatores favoráveis podemos citar um possível insucesso na campanha contra o Iraque, cujo prolongamento teria sabor de derrota; a aceleração da crise que se vem delineando na economia americana; e uma possível derrota do governo Bush nas próximas eleições. São cenários possíveis que, talvez, levassem os Estados Unidos a aceitarem, com mais facilidade, a nova bipolaridade como um fato político bom para todos, facilitando, completamente, o equilíbrio nas relações internacionais.

Há, porém, um ingrediente indispensável para que tudo isso funcione. É a determinação inabalável de empregar o armamento atômico, se isso for absolutamente necessário. Caso contrário, não haveria credibilidade, e os resultados seriam desastrosos. Mas seria possível conseguir-se essa disposição para o emprego de armamento nuclear? Até agora é impossível saber, embora o que se tem observado dos diversos atores sugira que não.

A outra opção é pavorosa: viver, por período imprevisível de tempo, como escravos da potência hegemônica fora de controle.

Há ainda outra boa motivação para o emprego da Doutrina de Guerra preventiva: também os Estados Unidos sabem, perfeitamente, que poderão ser, um dia, atacados por qualquer das potências nucleares. Assim, pela mesma Doutrina Bush, mais cedo ou mais tarde eles farão o ataque preventivo. Isso reforça a ameaça, ao dar mais um *motivo* para o ataque ianque. Por que não se haveriam de antecipar

“Por que não se haveriam de antecipar os países que se sentissem possíveis futuras bolas da vez?”



os países que se sentissem *possíveis futuras bolas da vez?*

E se o câncer americano se tornasse intratável, e fosse necessário extirpá-lo, isto é,

se fosse indispensável o ataque atômico aos Estados Unidos? Bem, nesse caso, eles sairiam tão destruídos que perderiam a capacidade de operar como potência, mas, sem dúvida, retaliariam, fazendo o mesmo com os *agressores*

preventivos. Desse modo, não haveria mais potências, e a desorganização política, econômica e social seria completa. O paciente estaria morto. A civilização, tal como a conhecemos, teria desaparecido.

Mas, muito provavelmente, haveria herdeiros. Logo, os sobreviventes iniciariam a penosa tarefa da reconstrução e, apesar das dificuldades e da escassez de recursos, dilapidados que foram pelos genitores, outra civilização ressurgiria das cinzas, restando-nos, apenas, esperar que ela fosse melhor do que esta que os Estados Unidos vêm modelando, injusta e violentamente, há pouco mais de meio século e que, agora, procuram destruir. Se não houvesse sobreviventes? Paciência. Nós seríamos mais uma espécie extinta. Uma entre as muitas outras que a nossa imbecilidade original já extinguiu.

Parece terrível. Mas mais terrível seria viver subjugados por um povo, cujo ditador não tem compaixão e não sabe o que é piedade. A sua sede de sangue já se manifestava quando, governador do Texas, trocava a vida de condenados por votos, para satisfazer um eleitorado, ávido de sangue, em um ritual macabro, ainda hoje usado em vários Estados americanos, que mais lembra os sacrifícios humanos praticados por sociedades primitivas.

Felizmente, seria pouco provável que terminássemos em um holocausto nuclear. Parece mais verossímil, aceitas as premissas iniciais de uma nova bipolaridade, que voltássemos a uma condição de equilíbrio que, embora não fosse ideal nem absolutamente segura, seria sem dúvida muito mais estável e, talvez, menos injusta do que a atual.

Em qualquer dos casos, é bom lembrar que há valores inegociáveis sem os quais não vale a pena viver.

Conseguimos sobreviver à ameaça soviética. Ajude-nos, Deus, a escapar do jugo americano.

E nunca é demais lembrar: a liberdade não tem preço! ✈



Nascer, crescer, reproduzir e morrer, diriam alguns. Outros, simplesmente *ser feliz, ou morrer*: “você nasce para morrer”.

Mas onde estará o sentido real de estar vivo? A razão de estarmos neste Universo de diversos planetas e seres, e de natureza incontestável, faz sentido a partir do momento em que buscamos Deus em nossa vida. Quem é Ele? Por que tanto poder destinado a uma pessoa, de onde Ele surgiu? Tanto quanto as respostas, as perguntas são infinitas, e implicam na busca do *desconhecido*.

Complexo esse assunto: como pode algo ser desconhecido, se existem tantas explicações místicas para tal fato? Por que as pessoas se dividem por religiões,

complementar que não há como distingui-las. Assim, fica a dúvida: Jesus morreu para nos salvar, e Ele é sacrificado perante milhares de pessoas em prol daqueles que O humilharam? Amor e ódio andam juntos, mesmo que por caminhos opostos? Essas perguntas ainda não foram analisadas com clareza, pois os dias de hoje retratam exatamente o que ocorreu no passado. Maridos que matam suas mulheres *por amor*; drogas que geram uma sensação de êxtase, de felicidade e, em seguida, levam à depressão, à revolta, ao suicídio.

A vida, nesses momentos, é questionada. Tem seus prós e contras. A flor é um belo exemplo para retratar as diferentes *faces* de nossa existência. Simboliza a morte, e exalta a vida. É um consolo e, ao mesmo tempo, “*parabenização*”.

Renata Magalhães
Jornalista

O Sentido da Vida

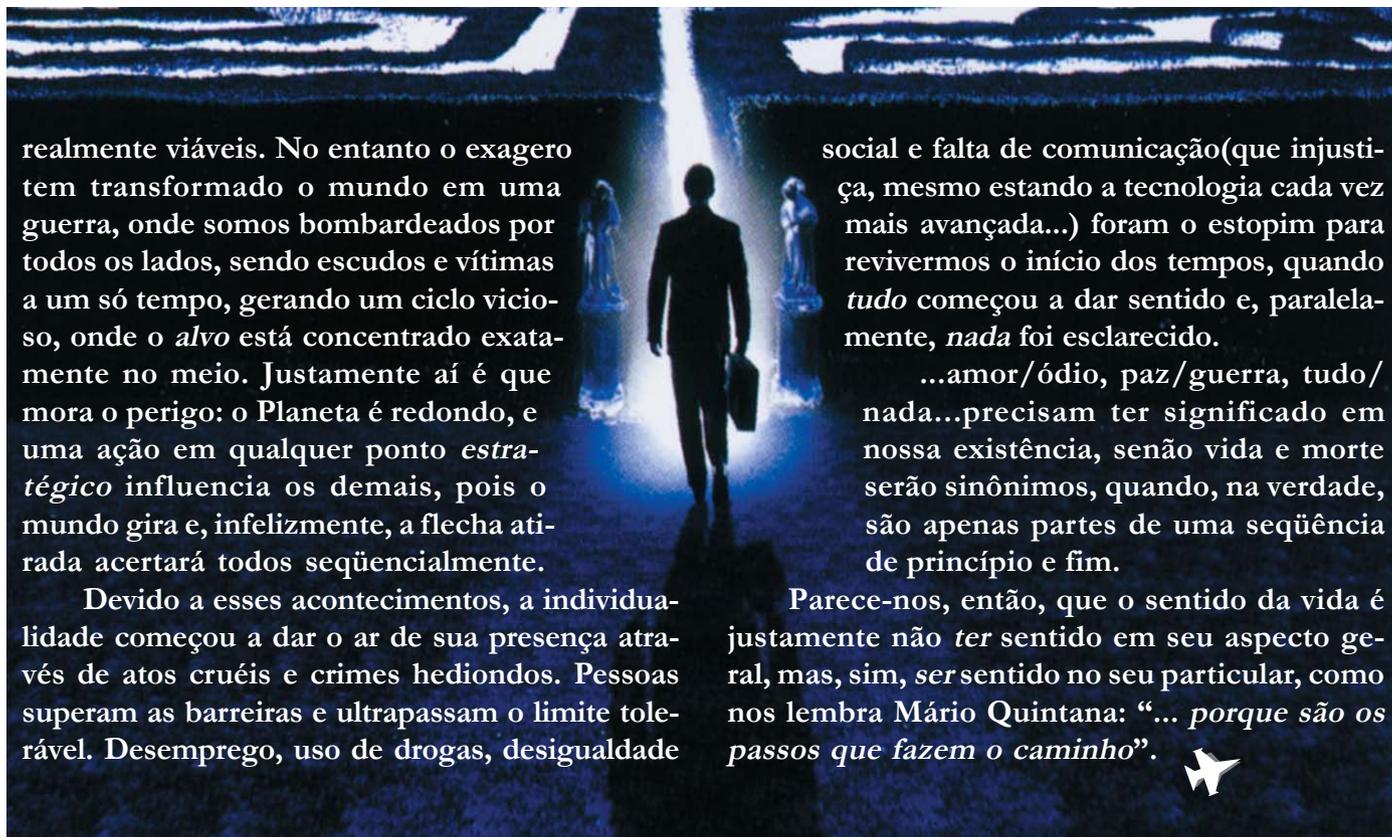
“...quando tudo começou a dar sentido e, paralelamente, nada foi esclarecido.”

em que umas crêem em santos e outras não? Quem pode falar *em nome de Deus*, se Ele simplesmente não disse nada? Padre, pastor, pessoas comuns fazem comércio com a palavra de Deus. Mas como uma palavra pode ser vendida, gerar lucros, se não é um bem material? Qual o verdadeiro *poder* da palavra, que leva inúmeras pessoas a se reunirem e contemplá-la?

A Bíblia conta a história da *passagem* de Deus no mundo. Sacrifícios, amor, guerra e igualdade são relatados de forma tão

Esse texto tem muitas perguntas que, em vez de respostas, retornam a si próprias. Essas questões têm um ponto de referência: a reflexão. Se pararmos para pensar no *sentido da vida*, teremos que resgatar sua origem para, então, chegarmos a uma conclusão. Nada mais justo que lembrar o passado para justificar o presente, e *prever* o futuro.

Nos dias atuais, o equilíbrio iria ser a ponte que separa o *tudo* do *nada*. O segredo é saber dosar a quantidade de problemas com as soluções



realmente viáveis. No entanto o exagero tem transformado o mundo em uma guerra, onde somos bombardeados por todos os lados, sendo escudos e vítimas a um só tempo, gerando um ciclo vicioso, onde o *alvo* está concentrado exatamente no meio. Justamente aí é que mora o perigo: o Planeta é redondo, e uma ação em qualquer ponto *estratégico* influencia os demais, pois o mundo gira e, infelizmente, a flecha atirada acertará todos seqüencialmente.

Devido a esses acontecimentos, a individualidade começou a dar o ar de sua presença através de atos cruéis e crimes hediondos. Pessoas superam as barreiras e ultrapassam o limite tolerável. Desemprego, uso de drogas, desigualdade

social e falta de comunicação (que injustiça, mesmo estando a tecnologia cada vez mais avançada...) foram o estopim para revivermos o início dos tempos, quando *tudo* começou a dar sentido e, paralelamente, *nada* foi esclarecido.

...amor/ódio, paz/guerra, tudo/nada...precisam ter significado em nossa existência, senão vida e morte serão sinônimos, quando, na verdade, são apenas partes de uma seqüência de princípio e fim.

Parece-nos, então, que o sentido da vida é justamente não *ter* sentido em seu aspecto geral, mas, sim, *ser* sentido no seu particular, como nos lembra Mário Quintana: "... *porque são os passos que fazem o caminho*".




AMAERO

Santos-Dumont:

Vôo mais pesado que o ar por meios próprios.

É o Brasil criando tecnologia de ponta.

Ajude a preservar a nossa história.

SEJA SÓCIO DA AMAERO.
ASSOCIAÇÃO DO MUSEU AEROESPACIAL

www.musal.aer.mil.br ; Tel: (xx 21) 3357-5814; e-mail: musal@maerj.gov.br



Maria Verónica Aguilera
Jornalista

O piloto e escritor Antoine de Saint-Exupéry buscava nos céus, nos homens e nos livros um sentido para a vida. Essa busca o enriqueceu como um poço escondido enriquecia o deserto que tanto amou, e dela nasceram as experiências compartilhadas com os companheiros e as páginas de que até hoje tantos de nós se nutrem.

Escrever é, de alguma maneira, procurar o sentido das coisas. Ler é, de alguma forma, recriar essa busca. Autor e leitor são cúmplices nesse processo de descobertas, tentativas, recuos e avanços rumo à compreensão de um texto. Mais que tudo, porém, são companheiros de viagem.

Juntos eles sobrevoam um universo em permanente mutação, somatório de séculos incontáveis da vivência humana sobre a terra ainda que algumas gírias ou modismos vocabulares pareçam ter nascido ontem, no apertar de um botão do controle da TV.

Algumas palavras são assim como poços escondidos no deserto; outras têm o poder maligno das serpentes. Em linhas ou entrelinhas, formam um tecido a um tempo delicado e complexo, facilmente desdobrável e não menos facilmente esgarçável.

Qual as luzes da cidade onde o piloto-escritor divisava a consciência de cada homem, as palavras revelam sonhos, desejos, temores, pecados e glórias: linguagem em sua humana e cotidiana forma que, vez por outra, deixa entrever uma centelha do divino que a legitimou como bem exclusivo da espécie.

Se, entretanto, a literatura e a poesia, em particular, alçaram a palavra a uma condição peculiar de arte, não menos fascinante é a linguagem nossa de cada dia, reescrita e reinventada a cada momento, do prosaico ao inusitado. Na banca de jornal, no bar, na oficina, na hora do amor, na briga da esquina, no comício, na despedida...nos gabinetes, nos quartéis, nas fábricas, nas escolas, nas ruas...

Sempre em estado permanente de diálogo, na simbiótica relação autor-leitor, mesmo quando não se trata de escrita propriamente dita, mas apenas do que um diz para o outro, ainda que esse outro seja o

próprio, nessa espécie de bloco do eu sozinho que é o monólogo.

E assim vamos, cada qual a seu modo, construindo o sentido de nossos textos.

Texto vem do latim: *textu* – tecido. A linguagem é assim, tal como a vida, uma espécie de trama. Trama em seu significado positivo de teia, abrigo, suporte ou, negativo, de conluio, intriga, negociata. Depende muito do tecelão.

É certo que a qualidade do fio faz diferença, mas com capricho e empenho qualquer tecido pode virar uma veste real. Quantos dos que me lêem não se recordam, por exemplo, de um simples pijama de flanela maternalmente dobrado no fundo da mala, a caminho da estação que os conduziria a um mundo novo de possibilidades infinitas? Coisas assim de memórias e sentidos...

Palavras podem edificar ou destruir. “No princípio era o Verbo”, diz a passagem bíblica do *Gênesis*. Mistério e poder na conjugação dos tempos.

Soltas, elas têm lá seu significado que, a depender da situação, pode ser o bastante. *Socorro!* É o exemplo perfeito. Precisa dizer algo mais? Ou *MÃE!*, como no comercial da televisão. Mas elas gostam mesmo, como dizia Monteiro Lobato em *Emília no País da Gramática*, é de *andar aos magotes*, em bando. (Por falar nisso, dia 18 de abril foi aniversário de Lobato; a ele, nossos eternos agradecimentos). Reunidas e organizadas conforme o que se quer dizer, e, sobretudo o que se pensa, vão tramando o sentido de nossa fala, nosso discurso, nosso texto. Urdidura (salta mais uma do baú!) que se estende sobre o forro de sensações e sentimentos de que somos feitos.



O processo de

Este assunto sempre desperta interesse em todos aqueles que desejam iniciar-se na pintura. Em se tratando de um tema complexo, procurei apresentar o processo de criação na pintura em quatro tópicos distintos, mas interligados: o artista, o objeto da pintura, as faculdades da sensibilidade e a obra. Acredito que esta visão do processo criativo serve também, de maneira análoga, aos nossos atos do cotidiano.

1. O artista

Todo homem tem um potencial a ser atualizado. Listaremos algumas destas perfeições necessárias, cuja obtenção propiciam o criar:

Vontade – sabemos que nossos atos dependem da inteligência e da vontade. Assim, o desejo de tornar-se um pintor precisa de uma avaliação deste universo plástico e do ato de mover-se nesta direção com firme vontade.

Conhecimentos técnicos – a ferramenta básica do artista virtuoso é o contínuo aprendizado do desenho, luz e sombras, perspectiva, uso das cores, transparências, dentre outros. Essas habilidades são como a fundação de uma casa, sem as quais nada será erguido.

Araken Hipólito da Costa
Cel. An. RR

Conhecimentos históricos – a tradição oral e pictórica permite aos artistas de hoje a compreensão dos contextos históricos que permearam a evolução da sensibilidade humana e artística, tornando-os, assim, capazes de reconhecer quais são suas fronteiras de atuação. Negá-lo ou permanecer no passado é contrariar o movimento do caminho da perfeição.

Prática – as artes plásticas não estão no conceito, nem na palavra; é preciso a materialização da imagem. Esta constante prática conduz a uma adequação entre o pensamento criativo e a imagem reproduzida, concretizando o ato criativo.

Atelier e material de pintura – a infra-estrutura condizente com a pintura requer um local, se possível, amplo, claro e arejado. Os materiais, como a tinta, o pincel etc, devem ser de boa qualidade para guardar fielmente as impressões no transcorrer do tempo. O atelier é um local sagrado, onde o artista faz do seu trabalho o dispensário da sua Fé.

Maturidade – constata-se na História da pintura

criação na pintura

a inexistência de precocidade em artistas. Portanto, a pintura exige maturidade para expressar o conteúdo e a força que sustenta a arte. Entendemos maturidade no homem, quando ele deixa de brincar com sua própria vida. Logo, podemos dizer que *pintura é coisa para adulto*, assim como o amor, a vida...

Tempo de fazer – o mundo contemporâneo induz ao imediatismo, aprender em *dez lições*, enfim, reduz todo aprendizado à rapidez de uma produção industrial. A pintura não tem uma utilidade prática, imediata, ela transita no transcendente. Desta forma, a sua prática requer tempo proporcional ao tempo de ver.

Tempo de ver – o olhar da propaganda, da TV, do mercado é rápido para vender bem. Por isso, o olhar do artista tem que ser calmo, sereno, sair das aparências, do superficial e aprender a ver a essência das coisas. Isso exige tempo. Diante da execução de uma obra é preciso *dar um tempo* para ver cada passo a ser feito.

Croqui mental – é importante o hábito de elaborar mentalmente aquilo que se pretende expor no suporte. Neste processo mental há uma adequação do motivo captado a uma ordenação estética. Tal adequação junto às faculdades intelectivas per-

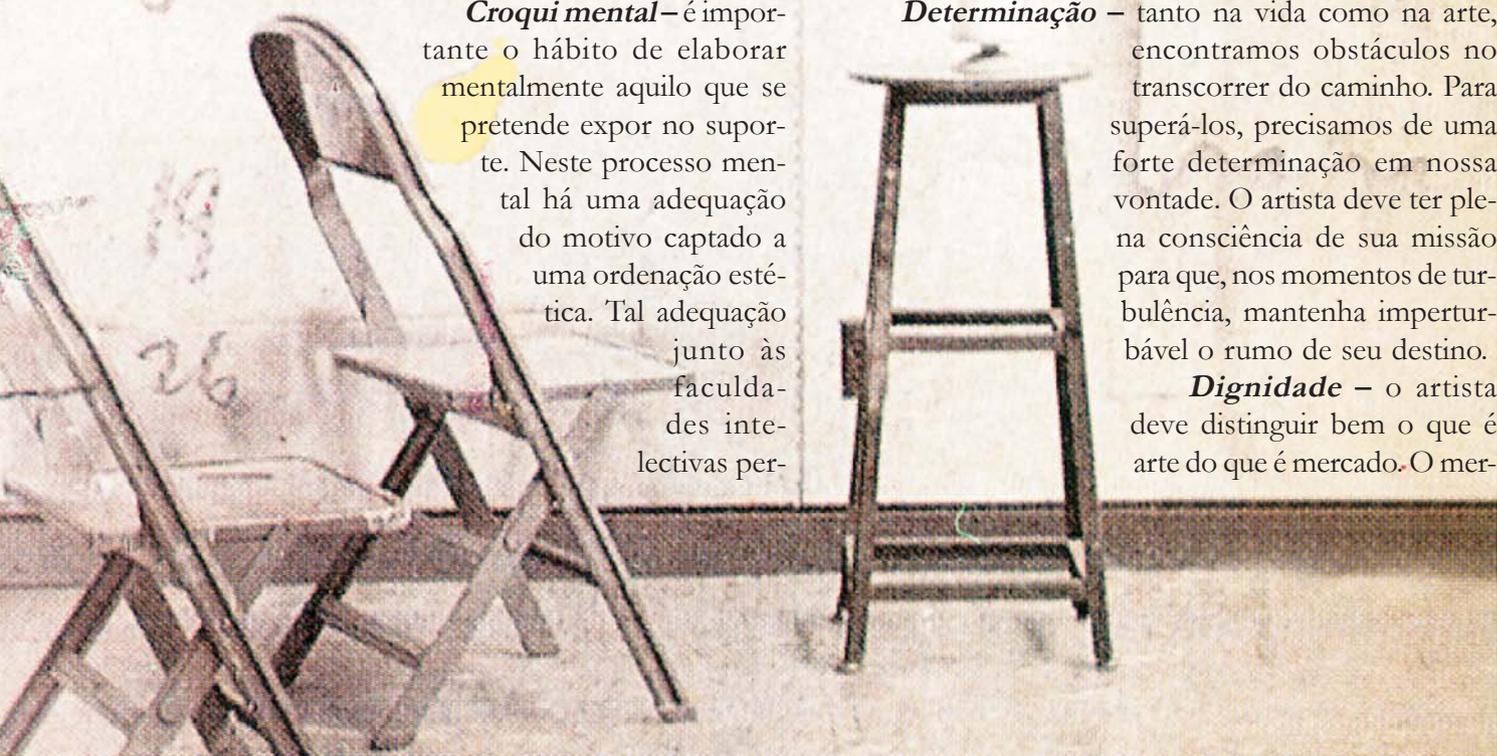
mite que a sensibilidade produza arte, assim como o conhecimento.

Juízo de valor da pintura – quando avaliamos uma situação, fundamentamos através de juízos de valores a questão. Nos dias de hoje, existe uma tendência à banalização das coisas, fruto do pensamento débil, desprovido de uma análise acurada e de um juízo de valor adequado, gerando o relativismo, no qual *tudo vale*, tudo é possível. O artista precisa conhecer profundamente qual é o valor de seu ofício, para que possa exercê-lo consciente da sua representação perante a sociedade.

Aprofundamento – a um pintor não basta ser curioso, ele tem que ir além, ser um estudioso. Como diz Paul Klee: “O artista não pode ser apenas uma máquina fotográfica mais sensível”. Isto significa que não basta um olhar contemplativo perante as coisas do mundo, mas um olhar interativo e investigativo, cuja ação se inicia no plano mental para depois viabilizá-lo na prática.

Determinação – tanto na vida como na arte, encontramos obstáculos no transcender do caminho. Para superá-los, precisamos de uma forte determinação em nossa vontade. O artista deve ter plena consciência de sua missão para que, nos momentos de turbulência, mantenha imperturbável o rumo de seu destino.

Dignidade – o artista deve distinguir bem o que é arte do que é mercado. O mer-



cado apresenta facetas às vezes não tão nobres, instigando o artista à perda da ética profissional. Cabe ao artista reagir, pautando-se na reta ordenação de seus atos. O homem de reto agir é exemplo de conduta para o próximo e, portanto, transformador da sociedade.

Amor – o homem conduz o seu pensar e seu agir em diversas direções, procurando compreender e mobilizar suas potencialidades para sua vida. No entanto, só o amor é capaz de aglutinar todos os pensamentos e manifestações da sua vida e da sua relação com o outro. Só na vivência do amor a arte e a vida têm sentido. O artista deve lembrar que a criação do mundo, das coisas e de todos os seres é um ato do amor de Deus, gerando toda beleza e toda perfeição. Cabe ao artista, despidido de qualquer presunção, mover-se no amor, a fim de permitir ver para além dos sentidos da visão, através dos olhos do coração e da razão e, assim, aproximar-se gradativamente da beleza, da perfeição, da verdade e de Deus.

2. Objeto da pintura

O único ser capaz de criar é o homem. Verifica-se que o homem intervém no ambiente natural que o cerca, criando assim o progresso, a cultura e a arte.

Neste contexto, surge a pintura como uma das manifestações mais antigas da arte, a qual, ao longo da História da Humanidade, mostra a expressão profunda da espiritualidade da alma humana. A capacidade de conceber noções abstratas, universais, o essencial, permite ao homem entender através dos transcendentais os aspectos do ser. Sua dedução metafísica apresenta-se desta forma: todo ser é uno, verdadeiro, bom e belo.

O artista, por meio de sua sensibilidade, capta a beleza transcendente nas coisas criadas e faz, então, do belo o objeto da sua pintura. Assim, a beleza torna presente a força contundente da graça e do mistério da vida na pintura.

3. As faculdades da sensibilidade

A beleza foi impregnada em todos os seres no momento de sua criação por Deus. O artista procura, então, interpretar a realidade através das suas faculdades. Diz Aristóteles, filósofo do séc. IV a.C.: “Nada está no intelecto que não tenha passado pelos sentidos”. Deste modo, o objeto da pintura é percebido pelos sentidos, captado pelo intelecto e, por meio da abstração, torna-se uma das faculdades cognitivas fundamentais da alma humana; para o processo de conhecimento e criação, o artista elabora o seu croqui mental (conceito). Entendemos abstração como sendo o ato pelo qual o intelecto agente fixa-se em um determinado aspecto da coisa (essência), deixando de lado outros aspectos.

Em seu processo criador, o artista utiliza os três graus de abstração: Física, Matemática e Metafísica. Na abstração física, são consideradas as qualidades sensíveis das coisas, como: cor, luz e sombra, transparência etc. Na abstração matemática, considera-se a quantidade, como comprimento, largura, superfície, volume e perspectiva. Já na abstração metafísica, o *ser* do objeto é considerado, prescindindo-se de toda quantidade e de toda qualidade. Tal é a magnitude da beleza, que ela torna visível o espírito e o esplendor da graça. Em verdade, a beleza é o *corpo do espírito*.

4. A obra

As mãos do artista, por mais modesta que seja a tarefa a ser executada, são parte essencial do processo criativo. O manuseio das tintas sobre a tela branca é sempre uma experiência rica, por se tratar da adequação da imagem mental à imagem impressa. Esta adequação reflete o trabalho do pintor em expor a beleza percebida e *dar forma* dentro do espaço limitado da tela. Diz Santo Agostinho: “Não se pode conter o infinito no finito”. Porém, cabe ao pintor iluminar o belo que permanece em todo ser criado. Com efeito, quando o artista, pelo uso do belo, materializa a imagem e o espírito, torna a obra viva para sempre. ✦



Aviação, Cidadania e Desenvolvimento Social

Asas de Socorro

Desfrutar dos benefícios da Aviação tem sido um privilégio de poucos. Está limitado à Aviação Militar, com sofisticados aviões de combate e bases aéreas de tecnologia avançada, ou aos refinados aeroportos, com pessoas apressadas que buscam realizar, de forma mais eficiente seus negócios ou lazer.

Entretanto há um Brasil desconhecido daqueles que trafegam pelas pontes aéreas ou pousam em pistas rastreadas por radares de última geração. Um país repleto de necessidades sociais que poderiam ser minoradas com o uso do avião. Comunidades estão isoladas pelas grandes distâncias: pela Selva Amazônica; pelas águas, no Pantanal; e pela seca, no Nordeste. Os inúmeros recursos só podem chegar a eles por um transporte aéreo solidário e filantrópico.

A idéia de utilizar o avião com objetivos pacíficos e humanitários fazia parte do sonho



Rocindes José Correa
Ten.-Ccl. Av. RR

"...há um Brasil desconhecido daqueles que trafegam pelas pontes aéreas..."

nosso inventor, nos últimos dias de sua vida, estaria relacionado à decepção por ver sua invenção largamente empregada como meio de destruição, durante a Primeira Guerra Mundial e na Revolução Constitucionalista de 1932, em São Paulo.

A História da Aviação brasileira possui outros marcos de significativa contribuição social. As asas do Correio Aéreo Nacional, durante décadas, serviram à integração nacional visionada por Montenegro e Eduardo Gomes,

de Santos-Dumont. O Pai da Aviação fez vários apelos públicos e, em 1926, chegou a apresentar uma solicitação formal a Sociedade das Nações, organização precursora da ONU, pedindo a interdição das máquinas aéreas como armas de guerra.

Aluízo Napoleão, na biografia *Santos-Dumont e a Conquista do Ar*, comenta que o quadro depressivo do

Asas de Socorro



deixando um rastro de assistência a inúmeras comunidades que de outra maneira jamais seriam lembradas.

Por muitos anos, o Projeto Rondon levou jovens universitários e seus professores das principais cidades do país às mais remotas regiões, conduzidos pelas asas da Força Aérea Brasileira, permitindo-lhes, não apenas servir estas comunidades, mas principalmente, desenvolverem o senso de nacionalismo, conhecendo as diversas realidades brasileiras, experiências que por outras vias dificilmente chegariam aos bancos das faculdades.

Infelizmente, o sonho de Santos-Dumont ficou para trás, as imagens mais comuns que vemos nos noticiários, não são de aviões transportando médicos, remédios ou alimentos, são cenas de desembarque de tropas e de lançamento de bombas e mísseis de alta tecnologia, apesar de ainda existirem no globo tantas áreas de pobreza, miséria e fome.



Também ficaram para trás outros sonhos. Por razões políticas e econômicas, o Projeto Rondon e o CAN foram praticamente extintos. É certo que os orçamentos militares precisavam dar prioridades para a missão constitucional das Forças Armadas. O que lamentamos é não ter, até agora, surgido nenhuma proposta viável capaz de dar continuidade a estes projetos, que tantos serviços prestaram à nação, em suas áreas mais carentes e isoladas do Norte e Nordeste.

Uma coisa é certa, alternativas precisam surgir, por iniciativa de qualquer segmento da



sociedade e mesmo tendo a participação ou coordenação de órgãos governamentais, terá obrigatoriamente que contar com a AVIAÇÃO, devido às características geográficas de nosso país, suas grandes distâncias e barreiras naturais. A Amazônia Legal ocupa 52% do território nacional, com mais de 85.000 km de rios e milhares de comunidades ribeirinhas.

Recentemente o *Jornal Nacional* mostrou um grupo de voluntários que se desloca regularmente, de caminhão, de São Paulo à Bahia prestando assistência em comunidades no Polígono da Seca. Como chegariam ao Oiapoque ou Tabatinga? Quanto tempo eles gastariam?

O momento é propício a esta reflexão. O Presidente Luís Inácio Lula da Silva convoca a nação para uma mobilização social, e ainda temos na mente a imagem do Sociólogo Herbert

Asas de Socorro



de Souza, o Betinho, com sua mensagem de conscientização da *Ação da Cidadania*.

No meio empresarial vem aumentando gradativamente a questão da responsabilidade social. A conhecida revista *EXAME* já considera este item no estabelecimento do *ranking* das maiores empresas do país.

Hoje a sigla ONG (organização não governamental) já não está, obrigatoriamente, vinculada às instituições externas, que muitas vezes representam ou estão ligadas a interesses internacionais.

O campo das atividades filantrópicas está conquistando seu espaço no Brasil e já é chamado de Terceiro Setor, estando cada vez mais estruturado e profissionalizado. O Governo tem observado a tendência e a legislação vem sendo modernizada.

A instituição *Asas de Socorro* é um exemplo de profissionalismo/voluntariado na aplicação de tecnologia de aviação em serviço social no país.

Voando na Amazônia há mais de 47 anos, opera em frota de dez aeronaves, com mais de trinta técnicos de aviação, entre pilotos e mecânicos. Possui uma oficina de manutenção aeronáutica e uma escola de Aviação, voltada para a formação de pilotos com orientação filantrópica. Atua com cinco bases de operações nas regiões Norte e Centro-Oeste.

Voando mais de 2.000 horas por ano, mobiliza profissionais de saúde de todo o país que chegam, de avião, às comunidades isoladas, dando cerca de 20.000 atendimentos médicos e odontológicos. Além de projetos de desenvolvimento comunitário.

Pelos serviços prestados, possui o título de Utilidade Pública Federal e Registro no Conselho Nacional de Assistência Social, sendo assim a única organização aeronáutica do Terceiro Setor.

Em recente convênio, uma empresa de Linha Aérea doa passagens para profissionais que se deslocam às regiões Norte e Nordeste e lá embarcam nas pequenas aeronaves de *Asas de Socorro*, acessando as localidades remotas, em alguns casos de hidroavião.

São exemplos como esses que mostram que os sonhos de brasileiros como Santos-Dumont,

Eduardo Gomes e Rondon ainda estão vivos.

No momento em que outros segmentos estão se mobilizando, é preciso que Aviação brasileira: aeronautas, aeroviários, empresários, aeroclubes e DAC e FAB levantem vôo para, uma vez mais, cumprirem seu histórico papel.

Alguém, em algum lugar deste país, aguarda o nosso pouso, levando a bordo a preciosa carga da solidariedade.



MIRAGE 2000 BR

A solução brasileira para a defesa da nossa soberania.

***Mirage 2000 BR. Produzido no Brasil.
Completo domínio tecnológico e total autonomia nacional.***

Soberania assegurada pela combinação dos armamentos mais eficazes, fornecidos sem restrições, do melhor radar de sua classe e de um sistema de missão no estado da arte, integrados em plataforma de excelente desempenho e grande capacidade bélica. Poderio sem concorrência, provado em combate. Autonomia nacional garantida pela total transferência de tecnologia e pelo alto valor agregado pela Embraer, líder do Consórcio Mirage 2000 BR e a única empresa no Hemisfério Sul a dominar o ciclo de vida completo de aeronaves de alta sofisticação.

 **EMBRAER**

Como Combater na

“A Guerra Popular é prolongada, visto que no início o inimigo é forte e as forças populares débeis. Porém, a cada dia que passa, os papéis vão se invertendo. Essa inversão acarretará o controle de amplas zonas rurais e, em conseqüência, o cerco da cidade pelo campo, compreendendo-se como cidade os locais onde a repressão é taticamente forte, pois aí se localizam suas bases e quartéis”.

(Mao Tsé-tung)

Carlos Ilich Santos Azambuja
Historiador

GUERRA

Jamais, nenhum jogador de xadrez descobriu um meio seguro de ganhar a partida no primeiro lance, pois o jogo encerra um sem número de variáveis.

A guerra, embora não seja um jogo de xadrez e sim um fenômeno social, possui um número de variáveis infinitamente maior. Algumas fogem a quaisquer análises, como, por exemplo, a sorte. Não obstante, o acúmulo de experiências e os estudos geraram livros e documentos que podem ser definidos como as *Leis da Guerra*, embora não possuam, como é natural, o mesmo valor das Leis da Física.

Uma dessas leis diz que o contingente mais forte geralmente é vitorioso. Se os contendores têm forças semelhantes, ganha o mais resolutivo. Sendo igual a resolução dos dois lados, a vitória pertencerá àquele que assume e mantém a iniciativa.

Essas são as chamadas *Leis da Guerra*. Elas podem variar de época em época, na medida em que mudam a tecnologia, os armamentos e outros fatores, mas, de modo geral, conservam seu valor.

A Guerra Revolucionária, todavia, constitui uma exceção, pois tem normas especiais, diferentes daquelas relativas às guerras convencionais e também porque a maior parte das regras aplicáveis para um lado não é válida para o outro, pois numa luta entre uma mosca e um elefante, a mosca não pode aplicar um golpe fulminante e nem o elefante pode voar. Na Guerra Revolucionária, em que

um dos lados é o rebelde e o outro o contra-rebelde, não são válidas as *Leis da Guerra*. Nesse tipo de guerra, a Inteligência e o Apoio da População são fundamentais.

A Guerra Revolucionária poderá ser definida, então, como um conflito interno, desafiando um poder local, embora quase sempre afetado por influências externas.

Mais: uma rebelião pode ter início muito antes do rebelde recorrer à força.

Foi assim na chamada Guerrilha do Araguaia (1972-1974). A rebelião começou a ser gestada nos idos de março de 1964, ainda no Governo de João Goulart, quando o primeiro grupo de militantes do Partido Comunista do Brasil foi mandado à China, a fim de receber treinamento militar. Ou mesmo, talvez, antes, quando foi constituído o partido, em fevereiro de 1962, definindo como opção a luta armada através da *Guerra Popular Prolongada*. Portanto, o início de uma Guerra Revolucionária é tão vago que buscar determinar exatamente quando ela teve início transforma-se em um problema legal, político e histórico.

No decorrer desse tipo de conflito, o rebelde tem que se transformar de pequeno em grande, de fraco em forte, pois senão fracassará. Na razão direta do rebelde, a tendência é a do

“... nenhuma academia militar ensina aos cadetes como ganhar uma população politicamente.”



REVOLUCIONÁRIA



contra-rebelde, no decorrer do conflito, passar de grande a pequeno e de forte a fraco. Essa é a principal assimetria que distingue a Guerra Convencional da Guerra Revolucionária. Esta tem as seguintes características:

OBJETIVO: A POPULAÇÃO

O rebelde busca levar a luta para um terreno diferente daquele em que é travada a guerra convencional, onde ele terá melhores possibilidades de equilibrar suas desvantagens físicas. Esse terreno é a população. Se o rebelde consegue dissociar a população do contra-rebelde, controlá-la fisicamente, obter seu apoio ativo, vencerá a guerra, porque, em última análise, o exercício do poder político depende da aquiescência tácita ou explícita da população ou, na pior das hipóteses, de sua passividade. Isso torna a batalha pela população uma das principais características da Guerra Revolucionária

A GUERRA REVOLUCIONÁRIA É UMA GUERRA POLÍTICA

Na Guerra Convencional, a ação militar, a diplomacia, a propaganda e a pressão econômica são os principais meios de atingir a meta visada. Em conseqüência, torna-se relativamente fácil a distribuição de tarefas entre o governo, que dirige as operações; a população, que proporciona os meios; e os militares, que os utilizam.

Na guerra revolucionária, con-

ferente, pois o objetivo principal é a população e as operações destinadas a conquistá-la ou, pelo menos, mantê-la passiva. Essas ações são essencialmente políticas. Daí que as ações políticas conservam a preponderância durante todo o transcurso da guerra. No entanto, é tão complexa a interação das ações políticas com as ações militares que elas não podem ser claramente separadas entre si. Pelo contrário, todos os lances militares têm que ser considerados com relação aos efeitos políticos, e vice-versa.

Os rebeldes, conduzidos por um partido e cujas forças armadas são os militantes do partido, desfrutam de uma óbvia vantagem sobre seu oponente, o governo, que pode ou não ser apoiado por um partido ou um grupo de partidos, muitas vezes com tendências centrífugas, e cujo exército é o Exército da Nação, nele refletindo-se o consenso ou a falta dele. Mais ainda: nenhuma academia militar ensina aos cadetes como *ganhar* uma população politicamente.

A TRANSIÇÃO GRADUAL DA PAZ PARA A GUERRA

Na guerra convencional a transição da paz para a guerra é brusca e o primeiro impacto poderá ser o decisivo.

Na Guerra Revolucionária isso é difícilíssimo, por-

que o agressor – o rebelde – carece, no início, de força suficiente. Podem passar anos, como ocorreu na Guerrilha do Araguaia, antes do rebelde sentir-se em condições de obter um poder político significativo e, muito mais, de obter um poder militar. Nessa situação, o rebelde não tem qualquer interesse em causar um impacto até sentir-se plenamente capaz de suportar a reação das forças governamentais. No Araguaia, os rebeldes dispuseram de um escasso poder militar, mas nunca obtiveram poder político e a aquiescência da população. Retardando o mais possível o momento do impacto, o rebelde protela a reação. O retardo, ainda mais, pode ser prolongado pelo fato de a população não ter sido, ainda, ganha politicamente.

A GUERRA REVOLUCIONÁRIA É UMA GUERRA PROLONGADA

A natureza prolongada de uma Guerra Revolucionária não resulta do desejo de nenhum dos lados. Ela é imposta ao rebelde por sua debilidade inicial. Ela só será curta se o governo desmorerar prematuramente – como ocorreu em Cuba, em 1959, onde o regime de Fulgêncio Batista desintegrou-se e, ele próprio, abandonou o país – ou se um acordo político for alcançado, como ocorreu na Tunísia, no Marrocos e em Chipre.

Recorde-se que na China a Guerra Revolucionária durou 22 anos, 12 na Malásia, nove na Indochina, oito na Argélia, cinco na Grécia, quatro no Marrocos e três na Tunísia.

A REBELIÃO NÃO É DISPENDIOSA, AO CONTRÁRIO DA CONTRA-REBELIÃO

"A promoção da desordem é o objetivo do rebelde, pois desagrega a economia..."

A promoção da desordem é o objetivo do rebelde, pois desagrega a economia, causa insatisfação e serve para solapar a força e a autoridade do governo. A criação da desordem não é dispendiosa, mas de custosa prevenção. O rebelde, ao explodir uma ponte ou uma torre de transmissão de energia, obriga a que todas as demais sejam vigiadas; ao fazer explodir uma bomba em um cinema, obriga a que todos os frequentadores de todos os cinemas passem a ser submetidos a uma revista; quando o rebelde queima uma fazenda, todos os fazendeiros passam a clamar por proteção e, se não a recebem, podem ser tentados a organizar milícias de defesa armada. Tam-

bém através de simples telefonemas anônimos, avisando sobre supostos artefatos colocados em terminais rodoviários, ferroviários ou aeroviários, os rebeldes podem causar anarquia nos horários do sistema de transportes e afugentar turistas.

O governo, ou seja, o contra-rebelde, não pode fugir à responsabilidade de manter a ordem, o que causa uma desproporção elevada de despesas entre ele e o rebelde. Todavia, mais cedo ou mais tarde, é alcançado um ponto de saturação, um ponto em que o princípio da produtividade regressiva funciona para ambos os lados, pois uma vez que o rebelde consiga o domínio de bases geográficas estáveis, ele se tornará um forte promotor da ordem dentro de sua área.

Nesse sentido, o rebelde, em virtude da disparidade em custo e esforço, pode aceitar uma guerra prolongada, mas o contra-rebelde não deve fazê-lo, pois o custo seria muito alto para o país.

A FLUIDEZ DO REBELDE E A RIGIDEZ DO CONTRA-REBELDE

Por não ter responsabilidades e nem valores concretos, o rebelde é fluido. O contra-rebelde, por sua vez, por ter ambos, é rígido. Se o contra-rebelde quisesse ver-se livre de sua rigidez teria que renunciar ao governo legal do país e abandonar seus bens concretos, deixando tudo à mercê dos rebeldes. Todavia, nenhum governo jamais se atreveu a lançar mão desse recurso extremo.

O rebelde é obrigado a permanecer fluido, pelo menos até chegar a um equilíbrio de forças com o governo. Por mais desejável que seja para o rebelde possuir territórios, forças regulares, equipamentos e armas poderosas, possuí-las prematuramente poderá sentenciá-lo à morte. Historicamente, o fracasso dos rebeldes comunistas na Grécia pode ser atribuído, em parte, ao risco que passaram a correr ao organizar suas forças em batalhões, regimentos e divisões e aceitaram a guerra convencional.

Na Guerra Revolucionária, portanto, e até ser alcançado o equilíbrio de forças, somente o rebelde pode realizar operações de bater-e-correr, porque o contra-rebelde oferece alvos fixos. E somente ele, o rebelde, estará livre para aceitar ou recusar uma batalha.

A rigidez para um lado e a fluidez para o outro são também determinadas pela natureza das operações. Para o rebelde, elas são relativamente simples: promover desordens sob todas as formas, no sentido de desintegrar e desacreditar o governo. Já o governo tem que levar em



conta a necessidade de proteger as populações, a economia e defender-se contra os ataques inesperados dos rebeldes, além de ter que coordenar todos os componentes das forças da ordem: os governantes, os policiais, os soldados, os assistentes sociais etc.

O PODER DA IDEOLOGIA

A menos que tenha uma causa bem fundamentada capaz de atrair a população, o rebelde não terá condições de empenhar-se vitoriosamente em uma rebelião. No começo das hostilidades, essa causa é tudo o que ele possui e a força da ideologia trabalha em seu favor. Um governo, desde que confrontado por uma ideologia rebelde dinâmica estará fadado à derrota uma vez que não existem táticas e nem técnicas que se possam contrapor a uma desvantagem ideológica, embora a atitude da população seja ditada não tanto pela relativa popularidade da causa dos rebeldes, mas pelas preocupações com sua própria segurança. Qual dos lados proporciona a melhor proteção, qual o mais ameaçador, qual vencerá provavelmente? Esses são os critérios que determinam, em última análise, a posição da população.

A PROPAGANDA, UMA ARMA UNILATERAL

Não tendo responsabilidades, o rebelde está livre para lançar mão de quaisquer truques. Pode mentir, enganar e exagerar, pois não está obrigado a oferecer provas. O rebelde é julgado pelo que promete e não pelo que realiza. Dessa forma, a propaganda é, para ele, uma arma poderosa.

Os governos, por sua vez, estão presos às suas responsabilidades e ao seu passado e, para eles, os fatos falam mais alto que palavras. Eles são julgados pelo que fazem, ou fizeram, e não pelo que dizem. Caso mintam, enganem, exagerem e não provem, poderão alcançar alguns êxitos efêmeros, mas ao preço de cair para sempre no descrédito, pois a oposição política legítima logo desvendaria e denunciaria suas manobras psicológicas. Raramente os governos podem, através da propaganda, encobrir uma política má ou inexistente.

A GUERRA REVOLUCIONÁRIA PERMANECE NÃO-CONVENCIONAL ATÉ O FIM

Com o rebelde, no decorrer das hostilidades, ganhando força e passando a possuir forças regulares significativas, seria de supor que a guerra passasse a ser convencional, ou

seja, uma guerra em que cada um dos contendores detém uma parte do território nacional. Mas, se o rebelde bem compreende seus problemas estratégicos, não deixará jamais que a Guerra Revolucionária assuma uma forma convencional.

Uma das razões é que desde o início da Guerra Revolucionária, obrigatoriamente o rebelde terá envolvido a população no conflito, pois a ativa participação da população é, como já vimos, uma condição *sine qua non* para o êxito da guerrilha. Uma vez tendo obtido a vantagem decisiva de ter a população a seu lado, por que haveria o rebelde de abandonar esse fator, que lhe conferiu a fluidez e a liberdade de ação que o contra-rebelde não pode alcançar?

A DOCTRINA DE FRONTEIRA

Todos os países são divididos, para fins administrativos, em Estados, Municípios, Distritos, Zonas etc. As áreas fronteiriças são um constante fator de fraqueza para o contra-rebelde, quaisquer que sejam as estruturas administrativas. Essa vantagem é, quase sempre, explorada pelos rebeldes, principalmente nos estágios iniciais da rebelião. Passando de um para o outro lado das fronteiras, o rebelde pode, com freqüência, escapar à pressão e, pelo menos, complicar as operações para o seu adversário. Operar nos limites das fronteiras seja entre países ou Estados, é, para o rebelde, uma questão de doutrina.

AS CONDIÇÕES GEOGRÁFICAS

O papel da Geografia, importante numa Guerra Convencional, pode tornar-se decisivo numa Guerra Revolucionária. Se o rebelde, com sua debilidade inicial, não conseguir tirar partido da geografia, é bem possível que seja logo eliminado.

Alguns efeitos de fatores geográficos são fatores decisivos, como a localização do país, sua extensão e configuração, as fronteiras internacionais, o terreno, o clima, o tamanho da população e o grau de desenvolvimento e sofisticação da economia.

APOIO EXTERIOR

O apoio exterior a uma Guerra Revolucionária pode tomar as seguintes formas:

* **Apoio Moral** – desse apoio o rebelde se beneficiará sem qualquer esforço de sua parte, desde que sua causa se coadune com *os ventos da História*. Por exemplo: na luta pela libertação de Angola e pelo fim do *apartheid* na África do Sul, os rebeldes se beneficiaram de um considerável

apoio moral, que se expressou, fundamentalmente, pelo peso da opinião pública internacional e dos meios de comunicação. A propaganda é o principal instrumento de apoio moral. É usada para fermentar a opinião pública quando esta se mostra adversa, ou para reforçar a simpatia do povo, se existente;

*** Apoio Político** – representa uma aplicação direta de pressão sobre o contra-rebelde, ou indireta, mediante ações diplomáticas nos fóruns internacionais. Nesse sentido, recorde-se que no caso de Angola muitos países romperam relações diplomáticas com Portugal que, também, foi excluído de várias organizações internacionais, como a Organização Internacional do Trabalho, por exemplo;

*** Apoio Técnico** – pode consumir-se na forma de assessoria ao rebelde para a organização do movimento e para a condução de suas operações políticas e militares, ou pode ser simples treinamento militar, como ocorreu com o núcleo que a partir de 1966 se instalou no Araguaia, que recebeu treinamento militar em Pequim;

*** Apoio Financeiro** – pode ser aberto ou encoberto. A Intentona Comunista, por exemplo, recebeu decisivo apoio financeiro do *Komintern*, sendo que até Luiz Carlos Prestes era um assalariado da 3ª Internacional, conforme está documentado no livro *Camaradas* escrito por William Waak.

*** Apoio Militar** – seja através de uma intervenção direta, ao lado dos rebeldes, seja pelo fornecimento de equipamento e meios de treinamento. Um número considerável de guerrilheiros urbanos brasileiros, por exemplo – cerca de 250 – nas décadas de 60 e 70, recebeu treinamento militar e apoio financeiro do Estado cubano.

Todavia, nenhum apoio exterior é de absoluta necessidade no início de uma rebelião, embora sua utilidade seja

inegável, pois a fase militar inicial de uma rebelião, seja ela guerrilha urbana ou rural, pouco exige em matéria de equipamentos, armas, munições e explosivos, já que esses produtos são encontrados localmente, podem ser expropriados ou contrabandeados.

Entretanto quando o rebelde vislumbra o momento de passar para uma forma mais complexa de operações, a necessidade de suprimentos maiores e mais variados torna-se aguda. Ou ele os captura do contra-rebelde ou esses suprimentos terão que ser obtidos no exterior. Sem eles, o desenvolvimento do poderio militar rebelde torna-se impossível. Todavia, por outro lado, se o auxílio exterior puder ser obtido com excessiva facilidade, isso poderá introduzir um excesso de confiança nas fileiras rebeldes, o que se tornaria um fator de debilidade tão logo esse auxílio, por qualquer motivo, fosse interrompido.

Concluindo, a SITUAÇÃO IDEAL PARA O REBELDE será: uma causa; uma fraqueza política ou administrativa do governo; um ambiente geográfico não muito hostil; apoio externo nos estágios médio e final da rebelião. As duas primeiras situações são indispensáveis e a última poderá tornar-se uma necessidade.

Essas características gerais da Guerra Revolucionária constituem um produto inelutável desse tipo de guerra. Um rebelde ou um governo (contra-rebelde) que conduza a guerra de forma oposta a quaisquer das características acima enunciadas, certamente será derrotado ou, pelo menos, diminuirá em muito suas possibilidades de êxito.

Num Estado Democrático de Direito, a teoria prevalente é a de que os atos terroristas de uma Guerra Irregular sejam qualitativamente idênticos às violações diárias *normais* das leis. Esse é o principal problema que o Estado de Direito enfrenta ao combater o inimigo na Guerra Irregular. No Estado de Direito existem dois tipos de pessoas: o cidadão correto e o criminoso. O terceiro tipo de pessoa, aquele que conduz uma Guerra Irregular, não existe.

Aqueles que promovem uma Guerra Irregular não conhecem quaisquer obrigações, pois nada os submete à obediência da lei civil e nada há que os submeta às leis da guerra. Em contraposição, o Estado de Direito é submetido em todos esses aspectos. E mais: aqueles que promovem a Guerra Irregular podem explorar totalmente as possibilidades jurídicas que lhes são proporcionadas pelo Estado Democrático de Direito.

Em suma, a Guerra Revolucionária é uma guerra suja e nela são empregados todos os meios. Até mesmo os legais. ✈



INTERATIVIDADE EDUCATIVA:

Sabara Burity Fernandez Cyrino
Cap. QFO Mus.

UMA NOVA PROPOSTA PARA O MUSAL

No mundo contemporâneo, há uma situação que provoca algumas reflexões: enquanto a globalização e a informática são realidades que nos cercam, observa-se, como uma das questões nacionais, a falta de oportunidades educativas.

O Museu Aeroespacial, sendo instituição de caráter educativo, volta-se para esta questão, visando ser cooperador com todo esforço que objetive a reversão deste fato social.

Dentre as Unidades do COMAER, o MUSAL destaca-se por permitir um contato direto com o mais abrangente e diversificado público.

Como difusor de cultura, o MUSAL tem a honrosa atribuição de transmitir às gerações futuras os feitos vitoriosos de nomes da Aviação brasileira, colocando em relevo o patrimônio histórico e cultural da Aeronáutica.

Nos dias de hoje, torna-se inegável que os museus devem utilizar-se de processos, equipamentos e mecanismos que propiciem a transmissão de conhecimentos, fazendo uma ponte entre o passado e o presente vinculados à cultura e ao lazer.

No ano de 1998, a *Gazeta Mercantil* divulgou uma matéria intitulada “O Museu do Século XXI”, que profetizava que os museus, impulsionados pelo *marketing*, pela tecnologia e pela mídia, seriam obrigados a rever suas formas de apresentação, devendo multiplicar suas atrações antes que houvesse uma crise.



Um museu que ilustra bem esse novo conceito museológico é o Museu de Ciência e Tecnologia da PUC-RS. Ocupando uma área de 12.500 m², oferece cerca de 600 experimentos interativos, dentre eles o Giroscópio. Nesse aparelho, o visitante é fixado e gira 360° para entender como o organismo se adapta à baixa força de gravidade, à semelhança dos astronautas no espaço.

Com base nessa concepção e nos grandes nomes do Ensino como Piaget e Vigostsky, que postularam em suas teses que o homem não é apenas ativo, mas acima de tudo interativo, nasce uma nova proposta para o MUSAL: a Interatividade Educativa, com a finalidade de transformar seus espaços expositivos em ambientes revitalizados, fascinantes, motivadores e dinâmicos. A partir do acervo do MUSAL podem ser desenvolvidos os mais variados temas, como **Inventando com Santos-Dumont** (recriação de inventos), **Ligando as Turbinas** (acionamento de motores), **Combatendo na Segunda Guerra Mundial** (jogos com superação de obstáculos).

Dentre as inúmeras vantagens advindas da implantação deste projeto, destacam-se a promoção da educação informal e o incentivo de uma mentalidade que valorize a carreira militar despertando vocações, principalmente nos jovens.

A construção da imagem positiva de uma instituição depende do que ela representa na vida de cada integrante da sociedade. Enriquecer vivências e despertar um reconhecimento quanto ao legado dos heróis da Aeronáutica brasileira, através de estratégias educativas, é um caminho.

Essa nova proposta está sendo considerada numa futura remodelação do MUSAL, quem sabe integrando-a às comemorações do Centenário do vôo do 14-Bis, em 2006. 

Os Militares e a Nova Ordem Mundial

Maj.-Brig.-do-Ar Ref.
Lauro Ney Menezes

A eliminação da bipolaridade mundial (conflito Este/Oeste) desencadeou um processo de alteração da *rationale* que geria as doutrinas e estratégias militares em todo o mundo civilizado. E o Brasil não ficou imune a tais mudanças.

A suposta aparente *inexistência de um inimigo* criou uma crise de identidade nas sociedades de todo o mundo, que conduziu à formulação de questões do tipo:

- **para quem** existem as Forças Armadas?
- **quanto custa** (e vale a pena) mantê-las?
- **o que** os países recebem de volta pelo dispêndio que fazem com as Forças Armadas?

O pressuposto central desse pensamento é que, eliminada a Guerra Fria seria possível reduzir os orçamentos militares **em geral**. Como conseqüência, os corolários dessa tese (e que vem sendo patrocinada pelos membros do G7) seriam:

- os arsenais militares do Terceiro Mundo (somente) deveriam ser *congelados* no ponto em que estão, e auditados através de uma inspeção e decisão do Conselho de Segurança da ONU;
- o Conselho de Segurança da ONU proibiria o desenvolvimento, a fabricação e/ou aquisição de armas nucleares, químicas ou biológicas, assim como artefatos balísticos, por parte das Nações que ainda não as possuem (leia-se Terceiro Mundo);
- os países que violassem as resoluções da ONU ficariam submetidos a sanções importantes por parte da comunidade internacional, não só de caráter econômico como (e principalmente) militar;
- caso as sanções não alterassem o comportamento dos *transgressores*, uma Força Militar da ONU

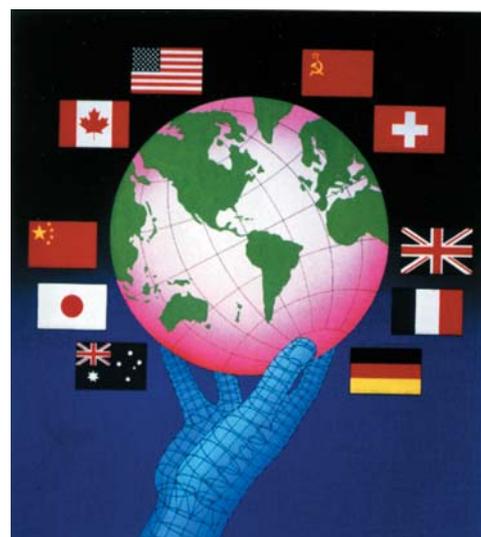
receberia mandato para eliminar a capacidade produtiva e quaisquer estoques de artefatos militares que tivessem sido produzidos e/ou adquiridos por esses *infratores*.

Em contrapartida à sua desmilitarização, os países do Terceiro Mundo receberiam garantias da ONU para a **preservação** de suas fronteiras, seja através de ações econômicas como militares, impostas por decisões políticas desse organismo internacional ou pela utilização de Forças Multinacionais, contra um *inimigo* que viesse a existir e que viesse a colocar em risco o país *garantido*.

Em assim sendo, novas atribuições vêm de ser atribuídas ao Clube dos Ricos (G7), liderado pelos EUA, e que pretende dar às Forças Armadas do Terceiro Mundo (América Latina) uma atuação de caráter *policial*, com ênfase no combate ao narcotráfico. Inserido nesse conceito, estaria o chamado nível *ótimo* para despesas militares: no máximo 2% do PNB de cada país do grupo *assistido*.

Esse nível fixado não afetaria o Brasil, já que nosso (ridículo) dispêndio militar está abaixo de 0,7% do PNB. Entretanto o que mais nos afe-

“...eliminada a Guerra Fria seria possível reduzir os orçamentos militares em geral.”





**“...um alerta
aos ideólogos
e pensadores
repentistas e
acadêmicos...”**



undial

ta é a proibição de prosseguir nas pesquisas científicas (incluindo nucleares e missilísticas-balísticas).

Existem, portanto, duas alternativas para a futura estratégia das Forças Armadas sul-americanas no cenário mundial atual (nisto incluído o Brasil):

- aceitar o papel que lhes é atribuído e se transformarem em superpolícia, sob a *direção* da *Drugs Enforcement Agency* americana (DEA);

- rejeitar essa opção e continuar no desenvolvimento de pesquisas que lhes dêem um potencial para adquirir capacidade profissional (inclusive nuclear e missilística), incorrendo no risco de sofrer as possíveis sanções da ONU.

Essa tem sido a tônica adotada no discurso feito pelas autoridades (principalmente americanas) que nos têm visitado recentemente. Os militares brasileiros execraram e rejeitaram, fortemente, essa tese. Entretanto o Governo brasileiro ainda não manifestou, em termos práticos, sua vontade política quanto ao assunto; só o fez, indiretamente, reduzindo drasticamente os orçamentos militares, sinalizando sua postura a respeito do tema.

Cabe notar que a posição dos *Grandes* não mudou com o tempo e, até evoluiu. E, sempre que possível, volta ao cenário, pois encontra guarida nas teses de *atuação militar de legalidade*, apoiada pela comunidade internacional através do Conselho de Segurança da ONU. É a tese da *invasão consentida*, e os melhores exemplos foram a *Operação NORIEGA* (Panamá) e a *Guerra do Golfo* e, recentemente, a Guerra contra o Iraque e a permissão(?) de uso dos territórios dos países vizinhos, ou seja, com o consentimento(?) e a conivência de

**“...os Estados Unidos e sob sua
decisão única...agirão militarmente
em qualquer parte do mundo que
venha a lhe convir...”**

qualquer Nação, com ou sem a ONU e com Forças Aliadas sob seu comando, os Estados Unidos e sob sua decisão única...agirão militarmente em qualquer parte do mundo que venha a lhe convir...

Em aceitando a tese (o que parece inevitável), o questionamento do *porquê das Forças Armadas Nacionais* tem voltado, com o máximo de peso, à mesa das discussões de todos os Parlamentos e Estados-Maiores. E das próprias sociedades...

No Brasil, por exemplo, mercê do sucateamento e empobrecimento das Forças Armadas, o próprio Governo – em busca de justificativas – oferece a elas *capacidade de atuação no campo social*, em troca de apoio político-financeiro. Embora não possa ser tão condenável, *vis-à-vis* à situação nacional, não deixa de ser deturpação da destinação constitucional das Forças Armadas. E para a qual elas não estão (nem foram) preparadas, estruturadas ou equipadas. E muito menos desejosas em **só isso** executar...

Nesse panorama de *superfluides*, seria conveniente um alerta aos *ideólogos e pensadores repentistas e acadêmicos*: atenção à tradicional tendência brasileira ao rápido estabelecimento de *novas doutrinas, critérios e reorganização para as Forças Armadas*, com base em uma *NOM: nova ordem mundial*.

Essa *nova ordem* não conseguiu, até hoje, se sustentar em suas próprias pernas! Quanto mais pôr a cabeça para funcionar!!!



Programa de Condicion



pré-requisito para

É muito comum nos depararmos, algumas vezes, com companheiros que nos questionam sobre a validade de nos exercitarmos fisicamente com regularidade, com argumentações muitas das vezes engraçadas, tais como “a tartaruga vai além dos 100 anos e não anda por aí correndo”, ou “a minha avó passou dos 80 e nunca colocou um maiô”!

O fato é que, na realidade, não podemos estabelecer nenhum paralelo com animais anatomicamente diferentes e, muito menos, comparar padrões de vida atuais com os de 50 ou 60 anos atrás. Inquestionavelmente, exercícios fisi-

cos aeróbicos regulares, comprovadamente, conduzem a uma condição de vida melhor e seguramente muito mais repleta de saúde.

Mas o que melhora e por que melhora? A resposta é simples. Quando passamos a nos movimentar, seja lá qual for o exercício – correr, caminhar, nadar ou andar de bicicleta – e o fazemos regularmente e com certa intensidade, disparamos, no nosso organismo, mecanismos de adaptação àqueles esforços a que nos lançamos, tais como, o desenvolvimento de determinados grupos musculares, a melhora na ventilação, o desenvolvimento do coração e de sua irrigação



Exercício Físico Aeróbico:

Francisco da Costa e Silva Júnior – Cel. Av. RR
Wallace Monteiro – Professor MS

uma vida saudável

colateral, a melhora da vascularização cerebral e tantos outros efeitos benéficos ao organismo, que poderíamos escrever laudas inteiras sobre cada um deles e suas correspondentes vantagens. Mas, o principal benefício advindo da prática de exercícios físicos regulares é, sobretudo, a melhora da qualidade de vida que o praticante adquire através deles, sem contar também que eles são a melhor forma de aumentarmos a capacidade de resistência ao stress e aos malefícios dele advindos.

Ora, mas como começarmos, quando e de que maneira fazê-lo? É simples. E as pequenas

regras que passamos a descrever, são básicas para um correto início. É preciso que, antes de tudo, estejamos saudáveis. Para a sua inteira tranquilidade, se preciso for, submeta-se a um exame médico acompanhado por um teste de esforço, ou seja, o tradicional *check-up*. Caso não consiga, previna-se de futuros problemas respondendo ao questionário PAR-Q. Essa sigla é a sigla do correspondente em inglês, traduzido como *Questionário de Prontidão para Atividade Física*. É um instrumento de saúde pública, que tem como objetivo identificar as pessoas que devem procurar um médico, antes de se submeter a um

programa regular de exercícios, bem como aqueles que não necessitam de tal conduta.

O PAR-Q pode se constituir em instrumento útil na identificação daqueles que realmente necessitam de orientação ou supervisão médica para se manterem fisicamente ativos, o que otimiza o aproveitamento de pessoal médico e de instrumental de exame. Por constituir-se em um instrumento de baixo custo e grande aplicabilidade, o questionário pode e deve ser utilizado quando não for possível realizar exames clínicos antes da prática da atividade física. É importante lembrar que o questionário PAR-Q foi validado no Comando da Aeronáutica pelo Laboratório de Fisiologia do Exercício do NUICAF e referendado pela DIRSA.

A avaliação das respostas ao questionário é realizada da seguinte forma:

a) PAR-Q Positivo: uma ou mais respostas positivas. Nesse caso, o avaliado deve consultar um médico antes de aderir a um programa regular de atividades físicas.

b) PAR-Q Negativo: todas as respostas negativas. O avaliado tem uma razoável garantia de apresentar condições adequadas para a par-

ticipação em um programa regular de atividades físicas. Nesse caso, não há obrigatoriedade de passar por um exame clínico antes da prática de exercícios.

Se tudo estiver bem, vá em frente, inicie tão logo puder um programa de condicionamento físico.

E agora, de que maneira começar? É simples, escolha o exercício que mais lhe agrade e deseje praticar: andar, correr, nadar, pedalar, de preferência o que lhe pareça mais natural.

Com que intensidade? Tenha em mente que se exercitar não é se auto flagelar! Sair da inércia não é fácil e requer sempre uma dose considerável de esforço. É preciso, no entanto, começar. Comece lentamente, aumentando progressivamente a intensidade e a duração com o passar do tempo e a melhora de sua *performance*! Um auto não sai de 0 a 100 no primeiro instante! O corpo humano, à semelhança da máquina, não começa a 100 por hora! Comece lentamente, para não ter que parar no dia seguinte cheio de dores! Dê um tempo ao seu organismo para que ele se adapte. O processo de adaptação é paulatino e requer um certo tempo!

Questionário PAR-Q

1 - *Alguma vez um médico lhe disse que você possui um problema do coração e recomendou que só fizesse atividade física sob supervisão médica?*

() SIM () NÃO

2 - *Você sente dor no peito causada pela prática de atividade física?*

() SIM () NÃO

3 - *Você sentiu dor no peito no último mês?*

() SIM () NÃO

4 - *Você tende a perder a consciência ou cair como resultado de tonteira?*

() SIM () NÃO

5 - *Você tem algum problema ósseo ou muscular que poderia ser agravado com a prática de atividade física?*

() SIM () NÃO

6 - *Algum médico já recomendou o uso de medicamentos para a sua pressão arterial ou condição cardiovascular?*

() SIM () NÃO

7 - *Você tem consciência, através da sua própria experiência ou aconselhamento médico, de alguma outra razão física que impeça sua prática de atividade física sem supervisão médica?*

() SIM () NÃO



“Tenha em mente que se exercitar não é se auto flagelar!”

Lembre-se que o descanso entre as sessões de treinamento é fundamental. É aí que a maravilhosa máquina humana promove as adaptações orgânicas necessárias. Proceda como numa escalada de uma escada, saia do 1º para o 2º degrau e assim por diante, nunca do 1º para o 5º, pois senão você terá problemas.

Para provocarmos as adaptações aeróbicas desejadas e que vão levar à melhora de nossa condição geral, é preciso que aprendamos a conhecer o nosso corpo e a interpretar as suas sensações! E a melhor forma de fazê-lo, sem nenhum aparelho de monitoração, é aprendendo a controlar o nosso coração (pulso), de tal maneira que o exercício nos conduza a uma frequência cardíaca estável em uma faixa de esforço adequada, convencionalmente chamada *zona alvo*, e que será mantida durante a maior parte da duração do exercício. Para isto existem equações simples que podem ser utilizadas por qualquer um de nós para estabelecermos o limite inferior e o superior da faixa em que devemos nos manter, ou seja, a chamada *zona alvo*, que também determina os limites de segurança na prática do exercício. Tais limites geralmente são estabelecidos com base nas respostas da máxima (FCmáx) ou da reserva de frequência cardíaca (RFC), cujos cálculos serão apresentados a seguir.

1. PERCENTUAL DA FCMÁX

Este procedimento parte da premissa de que 60 a 85% da FCmáx correspondem à zona de treinamento em que devemos nos exercitar para melhorar nossa aptidão cardiorrespiratória (aeróbica). É importante ressaltar que percentuais da FCmáx estimada a partir da idade podem diferir em relação aos valores obtidos a partir da FCmáx real alcançada em teste de esforço. Isto implica, por vezes, na necessidade de ajustarmos a intensidade do treinamento quando utilizamos

a FC prevista com base na idade.

As equações mais conhecidas para calcular a FCmáx são apresentadas a seguir. A partir do cálculo do valor equivalente à sua idade é estabelecida uma faixa de treinamento compreendida entre 60 e 85% do valor obtido nas equações:

$$220 - \text{idade ou } 210 - (0,65 \times \text{idade})$$

Utilizando a primeira equação, por exemplo, o indivíduo de 20 anos teria uma FC máxima de 200 bpm. Logo, se ele deseja trabalhar a 70% de sua FCmáx, o trabalho deverá ser sustentado em 140 bpm.

2. RFC

A RFC é uma outra forma de calcularmos nossa *zona alvo*. Foi determinado pelos fisiologistas do exercício que 50 a 85% da RFC correspondem a aproximadamente 50 a 85% da capacidade funcional. A percentagem da RFC representa a diferença percentual entre a FC de repouso (corresponde à FC medida em um indivíduo que se encontra confortavelmente sentado, em repouso, por um período de 5 a 10 minutos) e a FC na qual o exercício será realizado. O cálculo da intensidade do esforço pela RFC leva em consideração a FC de repouso, o que proporciona um controle mais adequado do treinamento em função da variabilidade diária verificada no comportamento da FC, o que já não ocorre quando trabalhamos com um determinado percentual da FCmáx. A RFC pode ser calculada pela seguinte equação:

$$RFC = (FCmáx - FC \text{ repouso}) \times \text{intensidade de esforço} + FC \text{ repouso}$$

Exemplificando a aplicação da equação em um indivíduo de 25 anos, que apresenta uma FC de repouso de 60 bpm e deseja exercitar-se entre

60 e 80% da RFC, teríamos o seguinte cálculo:

$$\begin{aligned} RFC &= (195 - 60) \times 0,60 + 60RFC = 135 \times 0,60 + \\ 60RFC &= 81 + 60RFC = 141 \text{ bpm} \quad RFC = \\ &(195 - 60) \times 0,80 + 60RFC = 135 \times 0,80 \\ &+ 60RFC = 108 + 60RFC = 168 \text{ bpm} \end{aligned}$$

Isto posto, implica em dizer que o exercício deverá ser sustentado numa faixa de esforço que varia de 141 a 168 bpm.

Independentemente da forma para calcular nossa zona de treinamento, por vezes, os indivíduos que participam de um programa de exercícios, liberados pelos seus médicos, fazem uso de medicação para o tratamento de doenças cardiovasculares e/ou outros problemas de saúde. Muitos medicamentos podem exercer efeitos nas respostas da FC em repouso e esforço, principalmente aqueles utilizados no controle da angina, da hipertensão arterial, da insuficiência cardíaca crônica, das arritmias, do bronco-espasmo e dos lipídios séricos elevados. Entre as drogas cardíacas, os betabloqueadores possuem o maior efeito na prescrição de exercícios. Desta forma, é importante saber se uma pessoa está usando alguma medicação com ação cardiovascular, para que os ajustes no treinamento possam ser realizados em função do tipo e dosagem da medicação utilizada. Nesse caso, é recomendada a realização de exercícios supervisionados por um especialista no assunto.

O espaço compreendido entre o limite superior e o inferior de sua *zona alvo* será a faixa de batimento cardíaco médio a ser trabalhada durante a sua sessão de exercícios, para provocar as alterações que desejamos e que nos propiciarão a melhora física almejada. Nesta condição, a sua sensação será de sentir-se levemente ofegante!

Comece com sessões de 10 a 15 minutos, pelo menos três vezes por semana e, com o progresso, aumente moderadamente o tempo do exercício até atingir algo em torno de 30 a 40 minutos. Com o passar do tempo, você notará que a sua pulsação em repouso aos poucos diminuirá. Isto quer dizer que os benefícios propiciados pelos exercícios continuados começam a aparecer, que o seu coração está mais forte e começou a adaptar-se ao esforço, aumentando em consequência o seu volume e massa, passando a bombear quantidades maiores de sangue com menos batidas e mais eficiência. É o começo de uma vida mais saudável e com menos problemas!

Ao parar de se exercitar, pare também lentamente para promover uma adequada recuperação. Se você parar repentinamente poderá sentir desconfortos e/ou sensação de desmaio, entre outras. No início e no final de cada sessão de exercícios, faça como faz o gato ao despertar, alongue a musculatura, espreguiçando-se. O alongamento no início da sessão ajuda a preparar a musculatura para o esforço seguinte. O alongamento no final tem efeito relaxante e deve ser feito sem muita amplitude, movimentando a articulação até o seu limite natural, sem forçá-la.

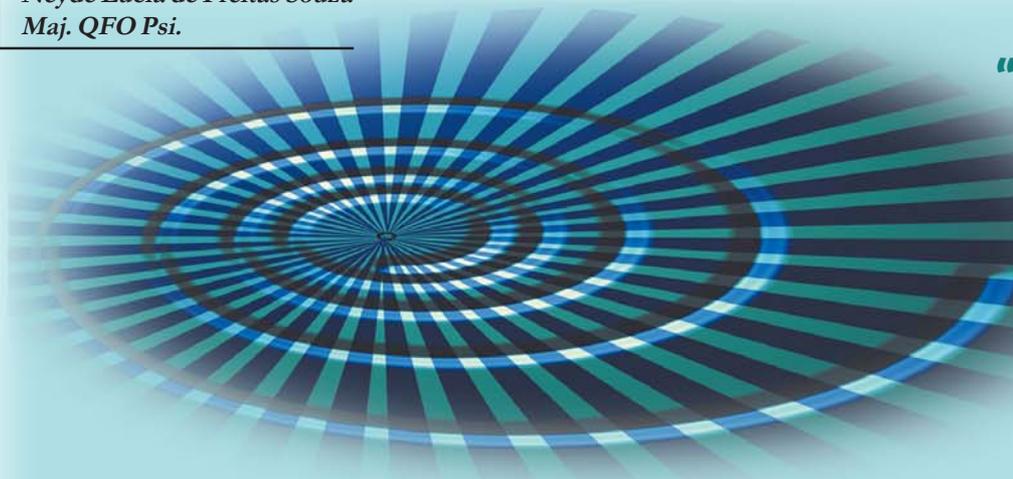
Aí está! Começar é apenas uma questão de optar entre melhorar a qualidade de vida ou não. Optar é também, e sobretudo, uma disposição de nos darmos um tempo na nossa agenda diária, para cuidarmos daquilo que temos de mais precioso, o nosso corpo! Se ele for bem tratado e bem cuidado, certamente estará em condições de enfrentar melhor as dificuldades do cotidiano e a retribuição advinda disto será certamente uma vida mais repleta de saúde e alegria.

Como vêem é muito simples, e começar independe da idade ou do grau de condicionamento; basta para isso vontade de querer fazê-lo! ✈

“Começar é apenas uma questão de optar entre melhorar a qualidade de vida ou não.”



Neyde Lúcia de Freitas Souza
Maj. QFO Psi.



“Os três pensaram coisas muito semelhantes, em tempos e espaços diferentes...”

Jung, Pichon-Rivière e Paulo Freire: Identidade de Teorias

Carl Gustav Jung nasceu na Suíça, em 26 de julho de 1875, e morreu em 6 de junho de 1961, aos 85 anos. Estudou Medicina e Psiquiatria, e deixou idéias e ideais que foram sintetizados na Psicologia Analítica, entre eles as noções de inconsciente coletivo e individuação.

Enrique Pichon-Rivière, médico psiquiatra e psicanalista, também nasceu na Suíça, em 25 de junho de 1907, imigrou para a Argentina quando tinha apenas três anos. Faleceu aos 70 anos, em 16 de julho de 1977. Vínculo e interação grupal são conceitos básicos em sua teoria.

Paulo Freire nasceu em Recife, no dia 19 de setembro de 1921. Exilado em 1965, retornou ao país em 1980, segundo ele para *reaprender* seu país. Morreu em 2 de maio de 1997, em São Paulo. Conscientização e diálogo são fundamentais em suas idéias.

E o que une esses três grandes teóricos, cujas contribuições não têm fronteiras? Este artigo abordará as contribuições no campo educacional, destacando as idéias de cada um e fazendo um paralelo entre elas, ressaltando a existência de inúmeros pontos de interseção. Os três pensaram coisas muito semelhantes, em tempos e espaços diferentes, sem se conhecerem.

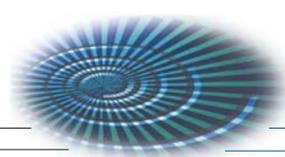
Pichon-Rivière resalta a necessidade de o

professor e de a escola valorizarem outros aspectos, além dos intelectuais, de modo a provocar o desenvolvimento integral do aluno. Jung corrobora com essa idéia, ao considerar que é preciso desenvolver a totalidade do indivíduo. Ele indica que a escola deve possuir dois papéis: ensinar e contribuir com a verdadeira educação psíquica da criança. E isso é feito por intermédio da personalidade do professor.

Jung considera o ser humano total, estabelece estreita relação entre razão e emoção, e afirma que a tarefa maior da existência humana é desenvolver uma personalidade própria, distinguindo-se da coletividade. Denominou esta tarefa de *individuação*, processo que exige um relacionamento construtivo entre o consciente e o inconsciente. Individuar-se é, portanto, centrar-se em seu próprio eixo.

Pichon também considera que a ação de aprender envolve razão e emoção, que aprendizagem e adaptação ativa à realidade estão intimamente ligadas: o indivíduo apreende o objeto e o transforma, ao mesmo tempo em que ele também modifica a si mesmo, em um interjogo dialético, em um contínuo processo em espiral.

Para Jung, o processo de individuação é, por si, um processo pedagógico; a relação professor-



aluno é uma relação produtiva: o professor sempre se descobre no aluno, aprendendo; e o aluno encontra em si mesmo seu mestre interior.

Pichon e Paulo Freire consideram a aprendizagem uma unidade de contrários: ensinar e aprender são aspectos de um movimento que constitui uma unidade. Pichon nomeou esse processo de “*ensinagem*”. Nele, o papel de quem ensina e de quem aprende são alternantes, circulam em um vínculo.

Jung também acredita que os papéis de professor e aluno são polaridades de uma relação dialética, e que há uma conversa entre conscientes e inconscientes do professor e do aluno.

Pichon, igualmente, ressalta que o ensinar e o aprender caminham juntos; constituem-se em uma unidade contínua e dialética, de plena interação. Não se ensina se não se aprende durante a tarefa de ensinar.

Para Pichon, toda a aprendizagem – e toda a educação – bem-realizada é sempre terapêutica. Toda distorção da aprendizagem é ao mesmo tempo distorção da personalidade e vice-versa.

Para Jung, a personalidade do professor, tanto ou mais que sua competência profissional, é a responsável pelos bons resultados do trabalho docente. Ele sugere que o educador dê especial atenção ao seu próprio estado psíquico, aos seus pontos de vista e às suas falhas para, então, poder compreender seus alunos. A personalidade do professor, para ele, é seu principal instrumento de trabalho: se o professor estiver em processo de autoconhecimento, encontra-se mais adequado para conduzir seus alunos ao mesmo processo.

Pichon ressalta que as várias dimensões do homem – cognitiva, afetiva, social e corporal-motora – vão se desenvolvendo na medida em que ele transforma e é transformado pelo meio, em um movimento dialético. O processo de apropriação da realidade é sinônimo de aprendizagem, segundo ele.

Paulo Freire fala em leitura do mundo; Pichon, em leitura da realidade; Jung, em desenvolvimento da personalidade por meio do processo de individualização, tarefa para a vida inteira. Para Freire e Pichon, ensinar adquire signifi-

cações, além de comunicar saberes: é impulsionar a reflexão, promover a interrogação e o pensamento. É o aluno quem promove o pensamento, interroga-se, mobiliza a aprendizagem do professor.

Pichon chega à Pedagogia por meio da análise psicológica. Freire trabalha a dialética entre educador e educando, fala em leitura do mundo, e parte da cotidianidade do sujeito.

Para Pichon e Paulo Freire a aprendizagem é um jogo de equilíbrios e desequilíbrios em que o novo, o não-conhecido, se manifesta. A aprendizagem é uma minicrise, pois gera certo grau de desestruturação e a conseqüente necessidade de se reorganizar. Jung diz que ninguém está com sua educação terminada ao deixar a escola, seja em que nível de ensino estiver; e sugere ser necessário educar a criança e o adulto – a criança que está presente no adulto e que se encontra em formação a vida toda.

A idéia de crítica da cotidianidade está presente em Pichon e em Freire: a consciência crítica é uma forma de relação sujeito-mundo, trata-se de uma atitude aberta ao conhecimento da realidade e de si mesmo nessa realidade, envolve a leitura da realidade.

Para Pichon e Freire, a consciência crítica não consiste somente em um conhecimento da realidade social, mas abarca também nossas relações interpessoais e distintos aspectos de nós mesmos: tem a ver com saúde mental. De acordo com Jung, o professor deve despertar o aluno para o conteúdo e para a vontade de aprender, deve participar da ampliação da consciência do aluno.

A coragem é compartilhada por Pichon e Freire, assim como a esperança, e os dois tiveram consciência da dimensão política de seu fazer. Para Jung, formar a personalidade não deixa de ser um risco, e a voz interior tanto é o perigo máximo quanto o auxílio indispensável nesta tarefa.

Em síntese, Jung, Pichon-Rivière e Paulo Freire enfatizam a presença da emoção na educação, além da razão; atribuem importância às trocas entre professor e aluno, em uma relação dialética; e assinalam a similaridade existente entre aprendizagem e apropriação da realidade. Contribuem com idéias semelhantes

geradas em contextos e ocasiões diferentes. ✈

“Para Pichon e Paulo Freire a aprendizagem é um jogo de equilíbrios e desequilíbrios...”

“A coragem é compartilhada por Pichon e Freire, assim como a esperança, e os dois tiveram consciência da dimensão política de seu fazer.”

Drummond do Povo

“Eu nunca tive pretensões a nada na vida, nunca pretendi ser rico ou poderoso e nem mesmo feliz. Na medida do possível, acho que vivi uma vida tranqüila. Posso ter errado muitas vezes, mas valeu a pena. Foi bom”.

Carlos Drummond de Andrade, aos 80 anos.

Carlos Drummond de Andrade, nos últimos meses, vive na boca do povo: da Academia ao banco de Copacabana onde, de costa para o mar, se deixa contemplar. Não há enigma; está tudo claro. As amendo-eiras falam. A rosa do povo vem desabrochando, e o sentimento do mundo aflora de alguma poesia do itabirano, que, em confidências, confessa que seus ombros suportam o mundo e ele não pesa mais que a mão de uma criança. *Mundo, mundo, vasto mundo, mais vasto* e eterno é o coração do poeta. E como é chato ser moderno, Carlito torna-se eterno.

De mãos dadas, em versiprosa, acorda-se certa palavra que dorme na sombra de livro raro. É a palavra mágica, a senha da vida, a senha do mundo revelada pelo fazendeiro do ar. Poeta de sete faces, poeta de Minas, do Brasil e do mundo. Poeta tão nacional que se torna universal.

E agora, José? Drummond é centenário no espaço mágico da literatura. A festa começa; a luz acende; o povo chega; o bonde volta a circular nas linhas das páginas de seus livros. E agora, José? Há uma pedra no meio do caminho, mas ela não é em-

pecilho, ela é marca poética, é signo drummondiano.

Este poeta é nosso, do povo. Dele, de suas composições poéticas, vêm as palavras que tecem este texto. Palavras, que não nascem amarradas, saltam dos dicionários, das linhas, das páginas, dissolvem-se no céu livre por vezes um desenho.

Poeta, este é o seu tempo: o tempo presente, os homens presentes, a vida presente. Instigue a todos, que agora o homenageiam, a fazer a difícilíssima, dan-gerosíssima viagem de si a si mesmo.

INFÂNCIA

Meu pai montava a cavalo, ia para o campo.

Minha mãe ficava sentada cosendo.

Meu irmão pequeno dormia

Eu sozinho, menino entre mangueiras,

lia história de Robinson Crusóe,

comprida história que não acaba mais.

No meio-dia branco de luz uma voz que aprendeu a ninar nos longes da senzala – e nunca se esqueceu chamava para o café.

Café preto que nem a preta velha

café gostoso

café bom.

Minha mãe ficava sentada cosendo olhando para mim:

Psii...não acorde o menino.

Para o berço onde pousou um mosquito.

E dava um suspiro...que fundo!

Lá longe meu pai campeava no mato sem fim da fazenda.

E eu não sabia que minha história era mais bonita que a de Robinson Crusóe.



Maria Célia Barbosa Reis da Silva
Professora Adjunta da UNIFA

TERRORISMO

Manuel Cambeses Júnior
Cel. An. RR

“... os aliados do passado, porém, são os fanáticos e encarniçados inimigos de hoje.”

Os norte-americanos e ingleses devem estar se perguntando se após a invasão do Iraque, pelas tropas da Coalizão, o Estado será capaz de protegê-los, realmente, contra as ameaças do terrorismo internacional, que certamente advirão. Até a realização dos atos insanos perpetrados por terroristas muçulmanos talibãs, do grupo Al-Qaeda, às cidades de Nova York e Washington, as ameaças prognosticadas pelos agentes da inteligência e pelos analistas em fricções geopolíticas e hipóteses de conflito, enfocavam, prioritariamente, e de modo contumaz, as instalações dos Estados Unidos situadas no exterior, onde os inimigos atuavam com a cumplicidade dos agentes regionais, geralmente promovidos por algum *revolucionário* que pretendia fortalecer-se desafiando uma grande potência mundial. Era, portanto, um esquema básico e relativamente fácil de prevenir – ainda que nem sempre com êxito – porque o adversário estava obrigado a atuar em cenários preestabelecidos, apelando a recursos técnicos e militares muito limitados, submetidos a interesses políticos superiores à sua própria organização sectária. Desta maneira, os enfrentamentos ditavam suas regras primitivas e a única forma de superá-los era sendo tecnologicamente hegemônicos na prevenção. As conseqüências desta visão equivocada ficaram evidenciadas, com tremenda estupefação, após os atentados de 11 de setembro de 2001.

As autoridades estadunidenses imaginavam que poderiam regionalizar os conflitos e imprimir-lhes um

efetivo controle, nos âmbitos políticos e militares. Atuaram, exclusivamente, em defesa de seus interesses como superpotência mundial, e faziam sentir sua presença em qualquer rincão do planeta; entretanto, esqueceram que essa “*mundialização*” poderia reverter no momento em que qualquer movimento rebelde apelasse, como hoje, ao terrorismo como prolongamento de seu *movimento de libertação*. Porém, os aliados do passado, são os fanáticos e encarniçados inimigos de hoje. O povo estadunidense está sentindo na pele as conseqüências de decisões políticas erradas, tomadas quando, descurando das projeções futuras de seus atos, cooptaram grupos fundamentalistas que agora escapam a qualquer controle, atuando, inclusive, à revelia de seus líderes históricos.

Como tem sido fartamente assinalado pelos meios de comunicação, a esses caudilhos religiosos foi obsequiada farta provisão de armas e de recursos financeiros, além de conferir-lhes poder e presença junto à imprensa internacional e amamentá-los em seus projetos calcados na intolerância, na violência e na ira fundamentalista. Hoje, constituem-se em um perigo para todo o mundo e, não raro, têm ferido e causado a morte de milhares de pessoas inocentes que nada têm a ver com as causas que advogam e os seus conflitos.

A responsabilidade ética que implica numa ação de governo muito além de suas fronteiras não pode ser produto de um jogo estratégico decidido em um conciliábulo de supostos peritos do Pentágono, que

“... os enfrentamentos ditavam suas regras primitivas e a única forma de superá-los era sendo tecnologicamente hegemônicos na prevenção.”





POS-GUERRA

produzem mais danos do que bens ao país. Esta lição tem que ser aprendida de uma vez por todas. Não é a primeira vez em que este tipo de política tem se convertido em uma grave ameaça.

Independente do que se faça agora, porque o governo dos Estados Unidos deve continuar reagindo, com firmeza, toda vez que surgirem indícios de focos terroristas, dando uma resposta concreta a essas preocupações e temores.

É importante enfatizar que, em nossas reflexões, jamais imaginemos a possibilidade de que este lamentável ato de horror ocorrido, simultaneamente, em Washington e Nova York, constituiu-se em episódio final nesta escalada de terror que assola a Humanidade. Tenhamos plena convicção de que, após esta edição da segunda Guerra do Golfo, sempre haverá imaginação e criatividade suficientes – entre os extremistas e fundamentalistas islâmicos – para açular mentes doentias e voltadas para o mal, no sentido de infligir sofrimento e terror ao gênero humano, e calcadas em alegações e crenças de matizes variados, invocando razões políticas e religiosas.

Os recentes ataques terroristas ocorridos em Riad (Arábia Saudita) e Casablanca (Marrocos) são exemplos incontestes desta afirmativa. Daí resulta a complexidade de dar respostas concretas ao que virtualmente escapa à realidade. Combate-se contra uma imagem e um inimigo invisível, encarnado por suas duas faces: a crença e o terror. Cada uma está satanizada pela outra e, imbricam-se de tal maneira, que formam um conjunto coeso e indissolúvel. Certamente que as grandes potências acudirão, sincronicamente,

em busca de acordos para deter esta terrível ameaça que, fora de seus controles, as afetará de algum modo, cedo ou tarde. George W. Bush e Tony Blair, amadores neste assunto; Vladimir Putin, frio veterano em questões dessa natureza; o prócer chinês Hu Jintao e os líderes da União Européia saberão colocar as coisas em seu devido lugar porque, a qualquer momento, poderão ser alvo deste tresloucado fanatismo. Porém, a responsabilidade de buscar uma saída definitiva a este assunto corresponde a todos os governos do mundo porque, em realidade, somos todos co-partícipes neste mutirão antiterrorismo em que deve engajar-se, com o devido empenho, a Humanidade.



“...a responsabilidade de buscar uma saída definitiva a este assunto corresponde a todos os governos do mundo...”

Bin Laden APÓS O IRAQUE

Os

que brindamos a passagem do milênio não imaginávamos que tão cedo o mundo estaria novamente conflagrado. Tudo começou no Onze de Setembro.

Osama Bin Laden é um exímio jogador de xadrez e, com seus atentados terroristas, não veio em socorro de Saddam por muitas razões.

Após o atentado, Bin Laden sabia-se alvo dos caçadores americanos. Preparou os próximos lances da partida e deu a seus comandos terroristas ordens de missão com objetivos principais, secundários e de oportunidade; transferiu recursos e instruções para aguardarem o *Dia D* de cada evento. Fez um lance defensivo, um *roque*, ocultando-se nas cavernas do Afeganistão.

Acontece que fortes ventos sopram a favor de Bin Laden. Seu lance de profundidade, os aviões carregados de combustível deveriam provocar incêndios nas Torres. Os danos foram além de suas expectativas, e estas ruíram com a CNN transmitindo ao vivo para o mundo.

No lance seguinte, Bin perdeu uma peça de valor, o regime Talibã foi desalojado de sua base e ele seguiu com os Talibãs para o Paquistão (alguns dizem que para Foz do Iguaçu...?)

Do outro lado do tabuleiro está o texanopetroleiro Presidente Bush. No tempo dos *far-west* as questões em sua região de origem, eram resolvidas num memorável duelo a bala e, diferentemente dos Presidentes Carter e Clinton, Bush segue os ditames de *Roosevelt Big*

Stick: fale manso e tenha um grande porrete.

Na ânsia de punir alguém, ou por outras razões, o Presidente Bush completa o trabalho do pai e liquida o Iraque, com recados para a Síria e a Coreia do Norte.

O poderio militar assusta. No inconsciente coletivo surge a dúvida: Meu país será um dia a *bola da vez*?

O Papa ameaça: “Os responsáveis pela guerra deverão prestar contas a Deus”. Bush retruca: *God Bless America* Para o Islã: “Alá punirá os infiéis!”

Diante de tantos pedidos, torna-se difícil o papel de Deus.

França, Alemanha, Rússia, China e outros se juntam e condenam seus tradicionais salvadores do século XX: A ONU está agonizante.

Um grande atentado terrorista seria água fria nas inúmeras manifestações contra a coalizão.

Bin Laden atacou as Torres de Nova Iorque e estas estão derrubando o grande edifício da ONU às margens do Hudson.

Sem as Torres, o descontrolado Rei Bush passeia pelo tabuleiro, ameaçando todos em seu entorno. Não se trata de bravatas, outro Presidente, Truman, no passado, lançou duas bombas A.

TERRIVELMENTE, após a volta da ordem, Bin Laden pode ressurgir com os *Dias D*. ✈



Falta Pau-Brasil no Mercado

“Foram feitas muitas concessões pelo governo...”

Na primeira metade dos anos sessenta, residir em Brasília era para alguns brasileiros um suplício. A *nata* do funcionalismo público federal, que morava no Rio de Janeiro, com suas praias, montanhas, o Maracanã e outras delícias mais, via na mudança pura e simples para o Planalto Central um complicador. O Governo Federal, por meio de incentivos financeiros, isto é, dobrando ou triplicando os salários, tentou resolver o problema. A emenda ficou pior do que o soneto. Hoje, um ascensorista em início de carreira, lotado no Senado Federal ou na Câmara dos Deputados, ganha mais do que um tenente-coronel aviador, piloto de caça, por exemplo, com sete anos de Escolas e quinze de carreira.

À época da inauguração da Capital, jornais de grande circulação, a título de *blague*, instituíam concursos sobre vários assuntos e invertiam, a propósito, a ordem de premiação da seguinte maneira: o primeiro colocado ganharia como prêmio o direito de passar um dia em Brasília, com despesas pagas; o segundo colocado, uma semana, e o terceiro ou último, um mês.

Foram feitas muitas concessões pelo governo para povoar a cidade e azeitar a máquina administrativa. Os funcionários públicos passaram a ter direitos a residência, condução, salário especial e outras vantagens. Os privilégios citados passaram a fazer parte permanente da vida dos parlamentares.

Os militares da ativa viviam em quadras pré-concebidas e passavam a privar, em seus níveis, uns das intimidades dos outros. Os oficiais superiores, por pouco viajarem, passavam a ter uma vida social limitadíssima e, para darem uma *escapulidazinha*, eram obrigados a se deslocarem para a outra asa do avião. Os useiros e vezeiros deste procedimento davam *cambalhotas*.

Em encontro informal no Clube de Aeronáutica, estive com uns velhos companheiros da

reserva. Um deles nos segredou que, naquela época, viu-se em situação complicada e, por

ter-se recidivado, passou a sair, duas ou três vezes por semana, de casa, após o expediente, apresentando as mais *estapafúrdias* desculpas.

Sua esposa, entretanto, por ser dessas senhoras que se programaram para acompanhar o marido até o generalato, acreditava piamente nas histórias que ele contava.

Até que um dia, ou melhor, uma madrugada, ele, chegando pé ante pé em casa, e ao adentrar a sala-de-visita, viu sua roupa toda espalhada pelas poltronas e tapetes, inclusive as fardas. Ficou sem ação. A grande interrogação que passava por sua cabeça era saber como ela descobrira e, por já passar das três horas da madrugada, resolveu se acomodar por ali, até o dia amanhecer, para resolver o problema. E assim fez, principalmente, por estar hospedando uma filha com duas netas.

Foi um resto de noite horrível – confessava-me sério. Recordou-se de quando a conheceu ainda aspirante, em Recife, da festa do casamento na igreja em Olinda, do *túnel de espadas*, do sacrifício que fizeram para comprar o primeiro apartamento, carro etc. Na realidade, não conseguiu dormir e, quando o dia amanheceu, para se livrar daquela angústia, entrou quarto adentro, como só os grandes comandantes sabem fazer, e deparou-se com uma cena memorável: sua esposa dormia o sono dos anjos, o clássico pijama sobre o seu travesseiro; ela ocupava, na cama, o lugar de sempre; tudo dentro da maior normalidade. Parou, pensou mil coisas, mas resolveu dar uma de machão e, de braços cruzados na beira da cama, esbravejou:

– Pô! O quê que houve?

Ela então, com toda doçura do mundo, respondeu-lhe:

– O pau do armário, por não ser de *madeira de lei*, quebrou-se, querido!



Clarindo dos Santos
Historiador

BRASILEIROS SÃO MAIS RICOS

Texto adaptado da Internet

Um amigo acaba de me mandar o resultado de uma comparação entre nós e os americanos.

Uma discussão em que um ianque prova, pela ciência exata da matemática, que os brasileiros são mais ricos do que os americanos.

Caros amigos brasileiros e *riçaços!*

Vocês brasileiros pagam o dobro do que os americanos pagam pela água que consomem. Embora tenham mais água doce disponível. (Aproximadamente 25% da reserva mundial de água doce está no Brasil). Vocês brasileiros pagam 60% a mais nas tarifas de telefones e eletricidade. Embora 95% da produção de energia em seu país seja hidroelétrica (mais barata e não poluente) enquanto nós



pobres americanos somente podemos pagar pela energia altamente poluente produzida por termelétricas à base de carvão e petróleo e as perigosas usinas nucleares.

Vocês brasileiros pagam o dobro pela gasolina, que ainda por cima é de má qualidade que acaba com os motores dos carros, pois cerca de 21% da gasolina é composta de álcool anidro e ainda querem aumentar este percentual para beneficiar os usineiros de álcool. Não dá para entender, seu país é quase auto-suficiente em produção de petróleo (75% é produzido aí) e ainda assim têm preços

tão elevados. Aqui nos EUA nós defendemos com unhas e dentes o preço do combustível que está estabilizado há vários anos (US\$ 0,30 trinta centavos de Dólar = R\$ 0,80 – oitenta centavos de Real. Obs.: gasolina pura, sem mistura). Por falar em carro, vocês brasileiros pagam R\$ 40 mil por um carro que nós nos Estados Unidos pagamos R\$ 20 mil. Vocês dão de presente para seu governo R\$ 20 mil para gastar não sabe com que e nem onde, já que os serviços públicos no Brasil são um lixo perto dos serviços prestados pelo setor público nos Estados Unidos. Na Flórida, caros brasileiros, nós somos muito pobres; o governo estadual cobra apenas 2% de imposto sobre o valor agregado equivalente ao ICMs no Brasil, e mais 4% de imposto federal, o que dá um total de 6%. No Brasil, vocês são muito ricos, afinal concordam em pagar 18% só de ICMs. E já que falamos em impostos, eu não entendo por que vocês alegam ser pobres, afinal vocês não se importam em pagar além desse absurdo ICMs mais PIS, COFINS, CPMF, ISS, INSS, IPTU, IPVA, IR, ITR e outras dezenas de impostos, taxas de contribuições, em geral com efeito cascata, de imposto sobre imposto, e ainda fazem festa nos estádios de futebol e nas passarelas de carnaval. Sinal de que não se incomodam com esse confisco maligno que o governo promove lhes tirando quatro meses por ano de seu suado trabalho (de acordo com estudos realizados, um brasileiro trabalha quatro meses por ano somente para pagar a carga tributária de impostos diretos e indiretos).

Nós americanos, lembramos que somos extremamente pobres, tanto que o governo isenta de pagar imposto de renda todos que ganham menos de US\$ 3 mil dólares por mês (equivalente a R\$ 9.300,00 Reais) enquanto aí no Brasil os assalariados devem viver muito bem, pois pagam imposto de renda todos que ganham a partir de R\$ 1.200,00. Além disso, vocês têm desconto retido na fonte, ainda antecipam o imposto para o governo, sem saber se vão ter renda até o final do ano; aqui nos Estados Unidos nós declaramos o imposto de renda apenas no final do ano, e caso tenhamos tido renda aí sim recolhemos o valor devido aos cofres públicos.

Essa certeza nos bons resultados futuros torna o Brasil um país insuperável. Voltando a falar de serviços públicos caro amigo brasileiro, vocês são riquíssimos, afinal pagam



do que os Norte-Americanos

sua própria segurança; os pobres americanos dependemos da segurança pública. Aí no Brasil vocês pagam escola e livros para seus filhos porque, afinal, devem nadar em dinheiro; aqui nos Estados Unidos, nós pobres pais americanos, como não temos toda essa fortuna, mandamos nossos filhos para as excelentes escolas públicas com livros gratuitos. Vocês ricos do Brasil, quando tomam no banco um empréstimo pessoal, pagam por mês o que nós pobres americanos pagamos por ANO. Caro amigo brasileiro, quando você me contou que pagou R\$ 2.500,00 pelo seguro de seu carro, aí sim eu confirmei a minha tese: vocês são podres de rico!!!! Nós nunca poderíamos pagar tudo isso por um simples seguro de automóvel. Por meu carro grande e luxuoso, eu pago US\$ 345,00 dólares. Quando você me disse que também paga R\$ 1.700,00 de IPVA pelo seu carro não tive mais dúvidas. Nós pagamos apenas US\$ 15,00 de licenciamento anual não importando qual tipo de veículo seja. Afinal, quem é rico e quem é pobre? Aí no Brasil, 20% da população economicamente ativa não trabalha. Aqui, não podemos nos dar ao luxo de sustentar além de 4% da po-

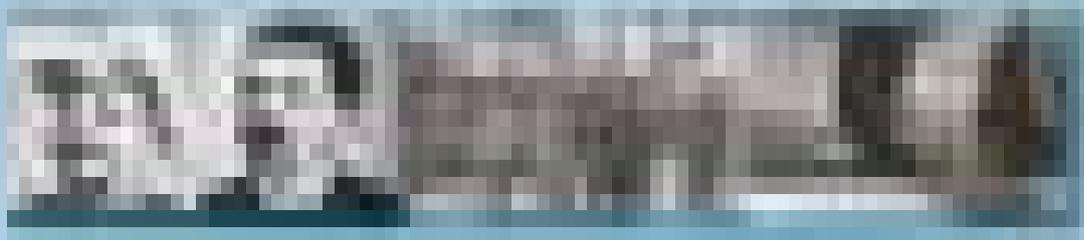
pulação que está desempregada. Não é mais rico quem pode sustentar mais gente que não trabalha?

Caro leitor: estou sem argumentos para contestar este ianque. Afinal, a moda nacional brasileira é a aparência. Cada vez mais vamos nos convencendo de que não é preciso ser, basta parecer ser. E, afinal, gastando muito a gente aparenta ser rico.

Realmente é difícil comparar esta grande nação chamada Estados Unidos que desde seu descobrimento teve uma colonização de povoamento, com nosso país que foi colônia de exploração por mais de 300 anos, com nossas riquezas sendo enviadas para Portugal. Até hoje ainda sofremos com uma exploração, só que dos próprios governantes que pilham e enviam nossas riquezas para suas contas bancárias em paraísos fiscais. E não fazemos nada para promover uma mudança radical de atitudes, conceitos e afirmação de nossa dignidade. Precisamos sair deste comodismo que estamos vivendo ou o sonho do país do futuro será apenas um ideal na boca dos demagogos que estão no poder. ✈

The image shows a blurred magazine cover for 'Aviação Aeronáutica'. The title is prominent in yellow. Below it, there are several smaller images of different aircraft models. At the bottom of the cover, the word 'Aviação' is written in a red, stylized font, followed by some text that is difficult to read due to the blur.

Alfredo Muradas Dapena
Cél. An. RR



OS PRESIDENTES PIONEIROS NA AVIAÇÃO

Primeiro Presidente a voar:

HERMES DA FONSECA – voou em 8 de julho de 1910, num *Farman*, em Mourmelon (França), pilotado pelo Ten. Albert Fequant.

Primeiro Presidente a voar no Brasil:

HERMES DA FONSECA – voou em 15 de abril de 1913, da Praça Mauá até a Praia do Galeão, na Ilha do Governador, num *Hidroaeroplano Curtiss* pilotado pelo norte-americano David H. McCulloch, em demonstração no Brasil.

Primeiro Presidente a voar numa aeronave de matrícula brasileira:

WENCESLAU BRAZ – fez um vôo de curtíssima duração, em 24 de fevereiro de 1917, com o Ten. Delamare, num *Hidro C 2*. Oficialmente, porém, é considerado o vôo de 2 de abril, quando ele chegou à Escola de Aviação Naval a bordo do *Hidro C 2* pilotado pelo Ten Schorcht.

Primeiro Presidente a voar num avião projetado por um brasileiro:

GETÚLIO DORNELLES VARGAS – em 19 de julho de 1931 voou no *Muniz M-5* pilotado pelo Cap. Adherbal da Costa Oliveira. Após fazer o Curso de Engenharia Aeronáutica, na França, Guedes Muniz fez o projeto. Ele voou em quase todos os tipos de aviões construídos no Brasil. Criou o Ministério da Aeronáutica e a Aviação Civil.

Primeiro Presidente a ter um avião presidencial:

GETÚLIO DORNELLES VARGAS – a aeronave era o Lockheed *Lodestar C-66 2008*.

Primeiro Presidente a ir ao exterior de avião:

GETÚLIO DORNELLES VARGAS – visitou o Paraguai em agosto de 1941 no *Lodestar C-66 2008*, escoltado por três *Lodestar C-60*.

Primeiro e único Presidente a viajar de dirigível:

GETÚLIO DORNELLES VARGAS – viajou de Recife ao Rio a bordo do *Graf Zeppelin* de 4 a 5 de outubro de 1933.

Primeiro Presidente a voar de jato:

GETÚLIO DORNELLES VARGAS – voou num *Gloster Meteor* pilotado pelo Coronel Oswaldo Pamplona Pinto, em 23 de outubro de 1953.

Primeiro Presidente a fazer uma viagem transcontinental em avião presidencial:

José Sarney, no Boeing *KC-707 2401*, em 6 de julho de 1986 para Roma (Lira).

Primeiro Presidente a ir além da barreira do som:

FERNANDO COLLOR DE MELLO rompeu a barreira do som num Northrop *F-5 Tiger*, em 22 de abril de 1990.

Primeiro Presidente a ir ao exterior em aeronave construída no Brasil:

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO foi ao Chile em 9 de novembro de 1996 na aeronave EMBRAER *ERJ-145* de prefixo PTZJD.

Primeiro Presidente a voar em um avião construído no Brasil fora do continente:

LUÍS INÁCIO LULA DA SILVA, em sua viagem à Europa, voou no *Legacy* da EMBRAER.

INFRAERO – 30 ANOS

No dia 31 de maio, a INFRAERO completou o seu trigésimo ano de existência. Nessa caminhada, que não podemos considerar longa, os frutos já colhidos são verdadeiramente fantásticos.

Como, também, fantástica foi a origem dessa Empresa!

Uma conta de luz do Aeroporto de Brasília, apresentada pelo Comandante daquela Base Aérea, por ocasião da Semana da Asa de 1971, ao então Ministro Araripe Macedo, deu início a tudo. Ao saber que as companhias aéreas não contribuía para o pagamento daquela conta, o Ministro Araripe constituiu um Grupo de Trabalho cuja consequência foi a origem da Lei nº 5.862, de 12 de dezembro de 1972. Estava criada a INFRAERO, que passou a funcionar em 31 de maio de 1973.

Vinculada ao Ministério da Aeronáutica até abril do ano de 2000, implementou grandes obras aeroportuárias com notável continuidade administrativa.

Essa característica permitiu, até hoje, a concepção e a implementação de Planos Diretores capazes de garantir o melhor aproveitamento, em termos de capacidade, do potencial dos diferentes sítios aeroportuários.

A sua capacidade de auto-sustentação financeira; a não existência de obras inacabadas em seu acervo; os projetos de cunho social que desenvolve; e a contribuição para a integração nacional, aliada à distribuição de riqueza que realiza em todos os estados da Federação, através da permanente presença nos mais distantes rincões do país, fazem dessa organização um exemplo nacional.

Parabéns, Ministro Araripe! Parabéns, Senhores Presidentes dessa Empresa! Parabéns, INFRAERO!

Revista aeronáutica

